



# RECORTES DE IMPRENSA

## SETEMBRO 2014



COM O APOIO:



## Alargados prazos para concurso de fotografia



D.R.

**Tema do concurso** é violência doméstica

**SENSIBILIZAÇÃO** “Violência Doméstica: Perspectivas” é o tema do concurso de fotografia que o Centro Social Paroquial da Vera Cruz está a promover, tendo alargado o prazo para a recepção de trabalhos até dia 1 de Outubro.

O tema escolhido para este concurso surge no âmbito da prevenção e sensibilização para esta problemática e como registo das comemorações do 9.º aniversário do funcionamento a Casa Abrigo Vera Vida

### Arte que denuncia

O Centro Social Paroquial da Vera Cruz apela aos amantes da fotografia a apresentação de trabalhos, que constituem, assim, uma forma cívica, cultural e artística de denúncia deste problema e ainda uma forma visual e gráfica de prevenção. “Aderindo, promove a arte como instrumento valioso ao serviço das questões humanitárias e participará activa-

mente na prevenção deste fenómeno. A violência não é inevitável, a prevenção é possível e desejável”, sublinha a instituição. Cada participante poderá concorrer com o máximo de três fotografias e cada uma deve ser acompanhada de um título. O regulamento do concurso está disponível no site [www.cspveracruz.pt](http://www.cspveracruz.pt).

### Verificam-se 19 agressões por dia

Os últimos dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), revelam que 84,2 por cento dos crimes registados são do foro da Violência Doméstica, tendo-se verificado uma média de 19 agressões por dia. O número de mortes de mulheres em contexto de violência, perpetrados pelos maridos, companheiros, ex-maridos ou ex-companheiros representaram 55 casos em 2013, tendo sido confirmados 19 casos fatais em 2014.MM

## AJA promove sessão sobre violência doméstica

A Associação José Afonso (AJA) promove no dia 19 de Setembro, na Casa da Cultura, em Setúbal, uma sessão de divulgação do livro (re)Contos de Violência Do-

méstica, de Filomena Iria, uma edição da autora, que estará presente na iniciativa, marcada para as 21h30.

A apresentação estará a cargo de Alice Brito, advogada e sócia fundado-

ra da AJA, bem como deverá estar ainda presente Balbina Silva, da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). A autora que, segundo a AJA aceitou de imediato o convite

para esta iniciativa, refere sobre o livro e o tema em discussão que é "uma Formiga no carreiro", mas se fez a sua "revolução interior, pode ser que leve um formigueiro atrás".





LEONEL DE CASTRO/GLOBAL IMAGENS

Complexidade dos casos que chegam à APAV aumenta

## Há quem não tenha dinheiro para se deslocar até à APAV

### VIOLÊNCIA

**A ASSOCIAÇÃO** Portuguesa de Apoio à Vítima, APAV, tem recebido pedidos de ajuda via telefone que terminam com o lamento das vítimas de não terem dinheiro para se deslocar de transporte até às instalações do organismo. A denúncia foi feita por Elsa Beja e Daniel Cotrim, da APAV.

“É uma das consequências da crise, mais uma. Temos tido também menos casos novos, mas mais repetições e situações de maior complexidade com que lidar”, destacou Elsa Beja, no seminário sobre o Direito a Serviços de Qualidade das Vítimas de Crime, ontem, em Lisboa.

“A complexidade tem a ver com os recursos disponíveis, o maior número de diligências a fazer, tornando-se mais difícil ajudar”, explicou. “Com as dificuldades económicas, a dependência do agressor também é maior”.

As casas-abrigos, por exemplo, estão cheias. As 17 vagas

disponíveis nos centros da APAV estão preenchidas e diminuiu o número de lugares disponíveis na rede nacional no último ano, de 113 (até final de 2013) para 83 (este ano), referiu Daniel Cotrim.

Em caso de emergência, se numa sexta-feira ao fim do dia uma vítima de violência doméstica precisar de alojamento, recorre-se à Linha Nacional de Emergência Social (144), de forma a poder garantir a pernoita. De qualquer modo, a metodologia corrente baseia-se no planeamento da saída da residência partilhada com o agressor.

### Tratamento da vítima

A questão do tratamento das vítimas parece ainda carecer de melhorias no que toca ao contacto policial, não sendo problema exclusivo de Portugal. “A polícia está mal preparada para tratar estas vítimas e as vítimas têm excesso de expectativas”, assinalou Elsa Beja. O respeito, a sensibilidade e a compaixão são linhas mestres. **DINA MARGATO**

### APOIO À VÍTIMA NOUTROS PAÍSES

#### Alemanha dá cheques

Entre os modelos de apoio à vítima – Portugal, Escócia, França e Alemanha – sobressai o caso alemão. Os traumas psicológicos e marcas de violência permitem à vítima receber um apoio monetário inicial até 250 euros. Podendo depois recorrer a cheques para terapia ou advogados. A ajuda não é direta. A linha de apoio vai além fronteiras, ajudando alemães emigrantes.

#### Apoio emocional

Na Escócia, aposta-se no apoio emocional e de proximidade, que inclui assistência às famílias e julgamentos. Portugal dá mais apoio psicológico.

#### Assaltos e insultos

As categorias assaltos (38%) e abusos verbais (28%) são as mais representativas nos quatro países. Há ainda a violência doméstica (27,8%), violência sexual (17,3%) e stalking (12,2%).





# 15 detenções por abuso sexual de crianças até Setembro nos Açores

## Um aumento brutal em relação a igual período do ano passado

Este ano, a Polícia Judiciária nos Açores já deteve 15 cidadãos por alegado abuso sexual de menores, sendo que estas detenções representam um aumento brutal em relação à mesma realidade do ano passado, em igual período temporal, uma vez que entre Janeiro e Setembro de 2013 foram registadas apenas duas detenções.

Os números das detenções foram avançados à RTP/Açores pelo coordenador da PJ na região, numa altura que os órgãos de comunicação social açorianos têm divulgado, através dos comunicados daquela força policial, vários casos de detenção por abuso sexual de menores nos Açores. Ou seja, foi feita, em nove meses, mais de uma detenção em 30 dias.

“Tem sido nossa preocupação, junto de alguns operadores nesta área, nomeadamente o CPCJ e a APAV, agilizar um conjunto de procedimentos – e temos já protocolados alguns – que porventura têm-nos permitido, em tempo útil, realizar o nosso trabalho, sendo que o mais importante é, sempre, a defesa das crianças, evitando que estas sejam sujeitas a novos abusos. Infelizmente tem havido casos em que o perigo de continuação de actividade delituosa está efectivamente presente”, refere o coordenador João Oliveira.

Certo é que à PJ têm chegado alertas de suspeitas de eventuais abusos através de familiares e vizinhos, o que é, segundo esta força policial, “indicador de sensibilidade por parte dos cidadãos”, considerando, no entanto que, ainda há algum desconhecimento junto da população, principalmente, quanto ao factor idade. “Temos presente que o título legal de abuso sexual de crianças contempla um conjunto de requisitos, mas um que

é incontornável é o da idade. Nos termos da Lei Portuguesa e do Código Penal, é-se criança até aos 13 anos, inclusive”. Por isso, para João Oliveira, nos Açores a trabalhar como coordenador da PJ há um ano, “mais do que uma consciencialização social, arrisco-me a dizer que se trata de um problema civilizacional de crescimento e é um sinal de crescimento da civilização fazermos o combate a este tipo de problema. Mais importante que combater é evitarmos que este tipo de factos ocorram”.

### Homem agrediu outro e terá provocado a sua morte na Terceira

A Polícia Judiciária, através do Departamento de Investigação Criminal de Ponta Delgada, identificou e deteve um homem, de 53 anos de idade, pela presumível autoria do crime de ofensa à integridade física grave, agravado pelo resultado.

Os factos ocorreram na passada semana, em Angra do Heroísmo, quando o arguido, na sequência de um desacato, veio a surpreender e agredir violentamente a vítima, que veio a falecer em resultado dessas agressões.

O detido, já com cadastro e sem ocupação laboral, foi presente a primeiro interrogatório judicial para aplicação de medidas de coacção tidas por adequadas. Entretanto, pela PSP, na Terceira, foi realizada uma operação de fiscalização, onde foram apreendidas diversas armas de fogo e munições, nomeadamente uma espingarda de caça, calibre 12, de 2 canos, que se encontrava modificada, relativamente às suas características iniciais (canos serrados).

Ana Coelho

## APAV cria site para ajudar jovens e crianças

**CRIANÇAS** e jovens são dos mais vulneráveis perante a vivência de um crime, dos mais desinformados e dos mais renitentes em denunciar, razões pela qual surge um site só para eles, da responsabilidade da APAV. O site <http://www.abcjustica.pt/> resulta do projeto ABC Justice.

**APAV**

## Site para jovens

■ O site [www.abcjustiça.pt](http://www.abcjustiça.pt) foi ontem apresentado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Destinava-se a jovens entre os 12 e os 18 anos.





# APAV cria site para ajudar jovens a compreenderem sistema de justiça

As crianças e os jovens são dos mais vulneráveis perante a vivência de um crime, dos mais desinformados e também dos mais renitentes em denunciar, razões pela qual surge

um site especialmente para eles, da responsabilidade da APAV.

Segundo a agência Lusa, o site <http://www.abcjustica.pt/> resulta do projeto ABC Justice, promovido pela

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) com o financiamento do 'Alumni Engagement Innovation Fund', do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América.

Em declarações à agência Lusa, Frederico Moyano Marques, assessor técnico da APAV, explicou que o projeto ABC Justice teve como "finalidade aumentar a quantidade e a qualida-

de da informação disponível para crianças e jovens, entre os 12 e os 18 anos relativamente àquilo que é ser vítima de crime".

Consequência do projeto, surge o site

'abcjustiça' como forma de divulgar "de uma forma simples" e adaptada à população mais jovem o funcionamento do sistema de justiça penal e os direitos das vítimas de crime.



## APAV cria site para explicar sistema de justiça

As crianças e os jovens são dos mais vulneráveis perante a vivência de um crime, dos mais desinformados e também dos mais renitentes em denunciar, razões pela qual surge um site especialmente para eles, da responsabilidade da APAV.

O site <http://www.abcjustica.pt/> resulta do projeto ABC Justice, promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) com o financiamento do 'Alumni Engagement Innovation Fund', do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América.

Frederico Moyano Marques, assessor técnico da APAV, explicou que o projeto ABC Justice teve como "finalidade aumentar a quantidade e a qualidade da informação disponível para crianças e jovens, entre os 12 e os 18 anos relativamente àquilo que é ser vítima de crime".

Consequência do projeto, surge o site 'abcjustiça' como forma de divulgar "de uma forma simples" e adaptada à população mais jovem o funcionamento do sistema de justiça penal e os direitos das vítimas de crime.

Segundo Frederico Moyano Marques os jovens acabam por ter as mesmas dúvidas da maior parte da população, já que, no que diz respeito às matérias judiciais, o défice de informação é geral e transversal. Apontou, no entanto, que se para a população em geral a informação sobre estes temas é escassa, "então a informação adaptada a este escalão etário ainda mais rara é", justificando assim a necessidade que a APAV sentiu "de ir ao encontro desta população".

Outro problema relacionado com os mais jovens, está no facto de terem "muito medo ou receio em denunciar um crime de que foram alvo, seja por vergonha, seja por medo de represálias ou medo de exposição da sua vida privada".

Sendo assim, tal como explicou o responsável da APAV, é objetivo do novo site conseguir não só que os mais novos estejam mais informados, desmistificando muitos dos preconceitos que têm em relação ao sistema de justiça, mas também ajudar a que se sintam mais motivados a denunciar e quando o façam, que sejam de forma mais cooperante e menos renitente. ♦ LUSA

# APAV promove III Jornadas Contra a Violência

Na próxima terça-feira, 30 de Setembro, a APAV Açores promove as III Jornadas Contra a Violência. O Centro de Estudos Natália Correia, em Ponta Delgada, foi o espaço escolhido para albergar esta iniciativa.

A terceira edição das Jornadas volta a reunir inúmeros especialistas, que, desta feita, se debruçam num debate com quatro temáticas centrais: o direito das vítimas à informação; o apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio; crianças e jovens vítimas de cyberbullying; e o tráfico de seres humanos.

De entre o painel de especialistas que vão marcar o evento destacam-se os nomes: Francisco de Siqueira (Juiz de Direito do Tribunal Judicial da Comarca de Ponta Delgada); Elias Pereira (Presidente do Conselho Distrital dos Açores da Ordem dos Advogados); Frederico Moyano Marques e Bruno Brito (APAV); João Oliveira (Coordenador de Investigação Criminal do Departamento de Investigação Criminal de Ponta Delgada da Polícia Judiciária); Helena Chaves Costa e Sílvia Branco (APAV Açores); Luís Pedro Silva (Coordenador Editorial/Jornalista do Açoriano Oriental); Edgar Bugada Ferreira (Comandante da Esquadra da Polícia de Segurança Pública de Ponta Delgada); Marco Macedo Machado (Professor da Escola Secundária de Lagoa); Ana Silva (Técnica do Centro Comunitário de Apoio ao Imigrante de Ponta Delgada) e Maria Gabriela Parreirão (Directora Regional do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras).

Com hora de início marcada para as 9h30, a sessão de abertura arranca na voz do Director Regional da Solidariedade Social, Frederico Furtado Sousa e do presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada José Manuel Bolieiro. As Jornadas estendem-se ao longo do dia e terminam com um debate moderado pela Directora dos Serviços de Emigração, Imigração e Regressos, da Direcção Regional das Comunidades, Melanie Silva.







# APAV organiza III Jornadas Contra a Violência

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) promove hoje as III Jornadas Contra a Violência, no Centro de Estudos Natália Correia, em Ponta Delgada.

O evento é dedicado ao debate de quatro temáticas centrais: O Direito das Vítimas à Informação, Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio, Crianças e Jovens Vítimas de Cyberbullying

e Tráfico de Seres Humanos.

A sessão de abertura desta jornada conta com a participação de Frederico Furtado Sousa, diretor regional da Solidariedade Social, José Manuel Bolieiro, presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada e Helena Costa, gestora da APAV nos Açores.

A abordagem aos diferentes temas será analisada por João Pau-

lo Carreira, coordenador do Ministério Público na Comarca dos Açores, Francisco de Siqueira, juiz de Instância Central do tribunal de Ponta Delgada, Elias Pereira, presidente do conselho distrital dos Açores da Ordem dos Advogados, João Oliveira, coordenador do Departamento de Investigação Criminal de Ponta Delgada da Polícia Judiciária, Maria Isa-

bel Parreirão, diretora regional do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, Edgar Ferreira, comandante da esquadra da Polícia de Segurança Pública de Ponta Delgada, Ana Silva, técnica do Centro Comunitário de Apoio ao Imigrante e Frederico Moyano Marques, Bruno Brito e Sílvia Branco, como representantes da APAV. ♦ LPS



Diretor regional garante aposta na sensibilização e formação de públicos estratégicos no âmbito do combate à violência

# Vítimas de violência doméstica e roubos queixam-se mais

Plano de Combate à Violência Doméstica entra em vigor no final do ano. Nos Açores, cerca já de 720 casos que têm sido acompanhados pela APAV

ANA PAULA FONSECA/LUSA  
afonseca@acorianooriental.pt

Até final do ano deverá entrar em vigor, nos Açores, o II Plano Regional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica. A garantia foi deixada ontem pelo diretor regional da Solidariedade Social, Frederico Furtado Sousa, na sessão de abertura das III Jornadas Contra a Violência, promovidas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

O encontro reuniu vários especialistas, em Ponta Delgada, para debater o direito das vítimas à informação, o apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio, crianças e jovens vítimas de 'cyberbullying' e o tráfico de seres humanos.

Para Frederico Furtado Sousa, o plano regional faz parte da aposta na informação, sensibilização e formação de públicos es-

tratégicos no âmbito do combate à violência.

Nos Açores, durante o ano passado, foram acompanhados pela APAV Açores cerca de 750 processos, a maioria de violência em contexto familiar, seguidos de outros tipos de crimes como os patrimoniais, os furtos e as burlas.

"As denúncias aumentam todos os anos. Começámos a nossa atividade em 2004 com cerca de 42 processos, por ano, de apoio à vítima, e estamos com cerca de 750 processos por ano, e este ano vamos ter mais", afirmou a gestora da APAV nos Açores, Helena Costa, diz não ter dúvidas de que o número registado em 2013 irá aumentar este ano, não significando, contudo, que "existam mais crimes, mas uma maior proatividade e consciencialização das próprias vítimas".

"Estávamos muito habituados a trabalhar com as mulheres vítimas de violência doméstica e agora já começamos a abranger a população mais idosa, assim como outros crimes, nomeadamente os crimes patrimoniais, furtos, burlas ou roubos", disse, frisando que a polícia tem realizado também "um intenso traba-

lho de sensibilização da população".

Sublinhando que a APAV tem realizado várias campanhas de sensibilização pelas nove ilhas açorinas, abrangendo escolas, centros de saúde, comissões de proteção e as várias polícias, Helena Costa salientou que a APAV começa a abranger um leque "mais diversificado de situações crime", o caso até do 'cyberbullying', embora a violência doméstica continue a ter a maior percentagem "com cerca de 80%", mas já chegou a ser de 90%.

A gestora da APAV disse ainda que à associação também têm chegado situações de detenção por abuso sexual de crianças, mas considerou que a visibilidade "não tem a ver com um aumento do número de casos, mas "uma maior preocupação em relação a esta problemática".

"O que se nota é que há, da parte da Polícia Judiciária, uma postura muito proativa e as notícias também se têm sucedido por isso, não tem a ver com o facto de haver mais crimes, mas uma maior proatividade por parte das polícias que estão atentas e têm investigado todas estas situações", considerou. ♦



JUSTIÇA E DIREITOS

## APAV cria site para ajudar jovens a compreenderem melhor sistema de justiça

23/9/2014, 10:14

Partilhe    

APAV criou um site que pretende informar e tirar dúvidas aos mais jovens mais vulneráveis que sempre foram o público alvo da organização.



www.abcjustica.pt é o site da APAV dedicado aos mais novos

Chris Jackson/Getty Images

As crianças e os jovens são dos mais vulneráveis perante a vivência de um crime, dos mais desinformados e também dos mais renitentes em denunciar, razões pela qual surge um site especialmente para eles, da responsabilidade da APAV.

O site <http://www.abcjustica.pt/> resulta do projeto ABC Justice, promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) com o financiamento do 'Alumni Engagement Innovation Fund', do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América.

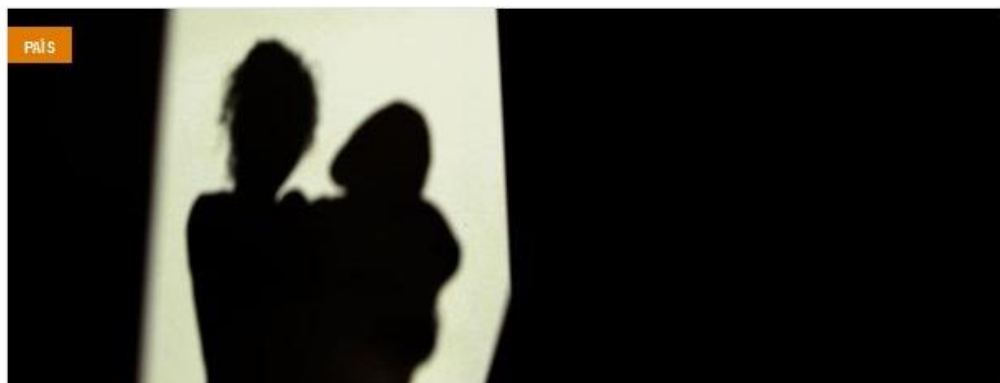
Em declarações à agência Lusa, Frederico Moyano Marques, assessor técnico da APAV, explicou que o projeto ABC Justice teve como "finalidade aumentar a quantidade e a qualidade da informação disponível para crianças e jovens, entre os 12 e os 18 anos relativamente àquilo que é ser vítima de crime".

Consequência do projeto, surge o site 'abcjustica' como forma de divulgar "de uma forma simples" e adaptada à população mais jovem o funcionamento do sistema de justiça penal e os direitos das vítimas de crime.



## Crime APAV cria site para ajudar jovens a compreenderem sistema de justiça

As crianças e os jovens são dos mais vulneráveis perante a vivência de um crime, dos mais desinformados e também dos mais renitentes em denunciar, razões pela qual surge um site especialmente para eles, da responsabilidade da APAV.



Lusa

11:02 - 23 de Setembro de 2014 | Por Lusa

 Gosto

1

 Tweet

1

 8+1  

O site <http://www.abcjustica.pt/> resulta do projeto ABC Justice, promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) com o financiamento do 'Alumni Engagement Innovation Fund', do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América.

PUB



**Cetelem**

**Taxa promocional até 31 de outubro**

Montante:  5.000 €  
2.500€ 50.000€

Prazo:  48 meses  
12 meses 64 meses

TAN: 8,40%  
TAEG: 10,3%  
MTIC: 6.059,88€\*

Seguro de Crédito Facultativo (não refletido no MTIC e na TAEG)

Mensalidade: **133,58 €**

**Simular**

\*Montante Total Imputado ao Consumidor. Informe-se no Cetelem.

Em declarações à agência Lusa, Frederico Moyano Marques, assessor técnico da APAV, explicou que o projeto ABC Justice teve como "finalidade aumentar a quantidade e a qualidade da informação disponível para crianças e jovens, entre os 12 e os 18 anos relativamente àquilo que é ser vítima de crime".

Consequência do projeto, surge o site 'abcjustica' como forma de divulgar "de uma forma simples" e adaptada à população mais jovem o funcionamento do sistema de justiça penal e os direitos das vítimas de crime.

Para além da construção do site, o projeto ABC Justice, que teve a duração de um ano e terminou em agosto, incluiu igualmente a realização de várias sessões de esclarecimento em escolas de norte a sul do país e ilhas, com o objetivo de passar informação, mas também de esclarecer dúvidas.

"As dúvidas têm a ver com as ideias feitas relativamente a como é que se passa um processo de natureza criminal: porque é que alguém que à partida terá cometido um crime, por exemplo, não fica logo preso, porque é que o processo demora tanto tempo", exemplificou o responsável da APAV.

# Como se sente uma vítima de crime?

Lançado esta quarta-feira pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, o site ABC Justiça quer informar os jovens sobre matérias como os direitos das vítimas de crime e as formas práticas de exercê-los.



MAFALDA GANHÃO | 8:55 Quarta feira, 24 de setembro de 2014



Site da APAV está organizado em quatro secções e utiliza uma linguagem "clara e simples"

Um vídeo de acolhimento recebe o visitante: "Qualquer pessoa pode ser vítima de crime". Depois, a informação no site [ABC Justiça](#) aparece distribuída em vários blocos, que, de pergunta em pergunta, vão explicando coisas como: "Há pessoas que depois de um crime ficam muito afetadas e perturbadas e outras que ultrapassam um pouco melhor a situação. São reações temporárias, o que significa que a vítima não se vai sentir, pensar e comportar dessa forma para sempre.



As possíveis reações de uma vítima são também enumeradas – "sentir pânico intenso e insegurança" é uma delas –, mas as questões vão muito além do simples elencar dos tipos de crime. Há respostas claras sobre "o que fazer?", "o que é o processo sumário?", quem é o juiz, o arguido ou o técnico de apoio à vítima, incluindo a explicação dos vários direitos. Exemplos: "Se não te sentires em condições de compreender tudo aquilo que te vai ser dito, podes pedir que a informação te seja transmitida na presença de outra pessoa" ou "é direito da vítima de crime ser protegida de todos os atos que possam colocar em causa o seu bem-estar físico e emocional, segurança e privacidade devido à sua participação no processo crime".

ABC Justiça, o projeto que a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) lança esta quarta-feira, nasceu a pensar nos jovens entre os 12 e os 18 anos. Nele é possível encontrar informação "essencial, mas sem ser maçuda" sobre o funcionamento do sistema de justiça penal e dos direitos das vítimas de crimes.

Organizado em quatro eixos – impacto de um crime; direitos das vítimas; como decorre um processo crime; quem são os agentes envolvidos na Justiça –, o site pretende "disponibilizar informação em quantidade e com qualidade, de forma simples, clara e adaptada às faixas etárias a que se destina", explica Frederico Moyano Marques, da APAV.

---

### Sessões nas escolas

"Reconhecemos que há uma falta de informação sobre estas questões, o que queremos colmatar", diz ao **Expresso** Frederico Marques. A aposta digital é apenas uma das vertentes, já que "para além do site a APAV tem realizado sessões em várias escolas pelo país".

Quanto à presença online, o modelo é inspirado em alguns outros sites internacionais e foi desenvolvido no âmbito do Projeto ABC Justice, promovido pela APAV e cofinanciado pelo Alumni Engagement Innovation Fund, do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, através da Embaixada dos EUA em Lisboa.

Segundo Frederico Marques, o site tem vídeos, jogos, informação sobre serviços de apoio existentes, remete para links úteis e inclui um glossário.

O ABC Justiça é oficialmente apresentado esta quarta-feira, pelas 11h, na Casa Pia de Lisboa.





Jogo Jogado



Sinais



TSF Pais e Filhos

Actualidade | Programas | Multimédia | Blogues | Futebol | Bolsa | Trânsito | Totojogos | Meteorologia

Portugal | Internacional | Economia | Desporto | Vida

Em Directo Noticiário das 09h00 Fórum TSF Podcast RSS FM MOBILE SMS Fale connosco

## Portugal

Política | Educação | Saúde | Justiça | Segurança

### Partilhar Notícia

Share 0 Tweet 0

Share 0 +1

Gosto 0

### Patrocínio

### Ferramentas

Enviar Aumentar  
 Partilhar Diminuir  
 Imprimir

Comentar este Artigo

### Estatísticas

318 Visualizações  
1 Comentário  
0 Envios  
7 Impressões

## ABC da Justiça para os mais novos

Publicado hoje às 09:57

A APAV apresenta, hoje, um novo site que vai ajudar crianças e jovens, entre os 12 e os 18 anos, a compreenderem melhor o sistema de justiça. Combater a falta de informação e as resistências desta população em denunciar são os grandes objectivos.

As crianças e jovens fazem poucas denúncias e a página criada pela associação de apoio à vítima quer combater essa realidade. Frederico Marques, da **APAV**, diz que muitas vezes os mais novos não revelam crimes de que são vítimas por vergonha ou por medo.

Na origem desta ideia está também, a falta de informação sobre o funcionamento da justiça, sendo que a ignorância sobre estas questões não é um problema exclusivo dos mais novos.

A página na internet, da responsabilidade da APAV, é apresentada esta quarta-feira e visa divulgar de uma forma simples o funcionamento da justiça. Frederico Marques espera que a nova ferramenta ajude também a acabar com algumas ideias pré-concebidas.

O site [www.abcjustica.pt](http://www.abcjustica.pt) resulta do projeto ABC Justice, promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) com o financiamento do "Alumni Engagement Innovation Fund", do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América.

Joaquim Ferreira

## APAV cria site para ajudar jovens a compreenderem melhor sistema de justiça

Actualizado ontem, às 08:38



As crianças e os jovens são dos mais vulneráveis perante a vivência de um crime, dos mais desinformados e também dos mais renitentes em denunciar, razões pela qual surge um site especialmente para eles, da responsabilidade da APAV.

O site <http://www.abcjustica.pt/> resulta do projeto ABC Justice, promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) com o financiamento do 'Alumni Engagement Innovation Fund', do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América.

Em declarações à agência Lusa, Frederico Moyano Marques, assessor técnico da APAV, explicou que o projeto ABC Justice teve como "finalidade aumentar a quantidade e a qualidade da informação disponível para crianças e jovens, entre os 12 e os 18 anos relativamente àquilo que é ser vítima de crime".

Consequência do projeto, surge o site 'abcjustica' como forma de divulgar "de uma forma simples" e adaptada à população mais jovem o funcionamento do sistema de justiça penal e os direitos das vítimas de crime.

### Etiquetas

Justiça, site

### Ferramentas

Share

Gosto 2

8+1 0

Tweetar 2

0

+ a a -a

### Interessante

Achou este artigo interessante?

★★★★★

Para além da construção do site, o projeto ACB Justice, que teve a duração de um ano e terminou em agosto, incluiu igualmente a realização de várias sessões de esclarecimento em escolas de norte a sul do país e ilhas, com o objetivo de passar informação, mas também de esclarecer dúvidas.

"As dúvidas têm a ver com as ideias feitas relativamente a como é que se passa um processo de natureza criminal: porque é que alguém que à partida terá cometido um crime, por exemplo, não fica logo preso, porque é que o processo demora tanto tempo", exemplificou o responsável da APAV.

Segundo Frederico Moyano Marques os jovens acabam por ter as mesmas dúvidas da maior parte da população, já que, no que diz respeito às matérias judiciais, o défice de informação é geral e transversal.

"Acontece que esta população é considerada mais vulnerável, particularmente fragilizada quando vivencia uma situação de crime", apontou, sublinhando que as crianças e os jovens sempre foram um dos público-alvo da APAV.

Apontou, no entanto, que se para a população em geral a informação sobre estes temas é escassa, "então a informação adaptada a este escalão etário ainda mais rara é", justificando assim a necessidade que a APAV sentiu "de ir ao encontro desta população".

Outro problema relacionado com os mais jovens, está no facto de terem "muito medo ou receio em denunciar um crime de que foram alvo, seja por vergonha, seja por medo de represálias ou medo de exposição da sua vida privada", o que leva Moyano Marques a considerar que se trata de "uma população com particular índice de cifras negras no que diz respeito à denúncia".

Sendo assim, tal como explicou o responsável da APAV, é objetivo do novo site conseguir não só que os mais novos estejam mais informados, desmistificando muitos dos preconceitos que têm em relação ao sistema de justiça, mas também ajudar a que se sintam mais motivados a denunciar e quando o façam, que sejam de forma mais cooperante e menos renitente.

O site 'abcjustiça' é apresentado quarta-feira, na Casa Pia de Lisboa.





Joana Marques Vidal, Presidente APAV

23.09.2014 12:10

## Site para jovens compreenderem sistema de justiça

O site 'abcjustiça' é apresentado quarta-feira, na Casa Pia de Lisboa.

As crianças e os jovens são dos mais vulneráveis perante a vivência de um crime, dos mais desinformados e também dos mais renitentes em denunciar, razões pela qual surge um site especialmente para eles, da responsabilidade da APAV.

Frederico Moyano Marques, assessor técnico da APAV, explicou que o projeto ABC Justice teve como "finalidade aumentar a quantidade e a qualidade da informação disponível para crianças e jovens, entre os 12 e os 18 anos relativamente àquilo que é ser vítima de crime". Consequência do projeto, surge o site ['abcjustiça'](#) como forma de divulgar "de uma forma simples" e adaptada à população mais jovem o funcionamento do sistema de justiça penal e os direitos das vítimas de crime.

Segundo Frederico Moyano Marques os jovens acabam por ter as mesmas dúvidas da maior parte da população, já que, no que diz respeito às matérias judiciais, o défice de informação é geral e transversal. "Acontece que esta população é considerada mais vulnerável, particularmente fragilizada quando vivencia uma situação de crime", apontou, sublinhando que as crianças e os jovens sempre foram um dos público-alvo da APAV.

0 COMENTÁRIOS &gt;



PARTILHAR

0



TWEET

0



LER MAIS TARDE



ENVIAR



IMPRIMIR

## APAV apresenta site "abcjustica" para crianças e jovens

LUSA 24/09/2014 - 12:03



DANIEL ROCHA



O site abcjustica, vocacionado para as crianças e os jovens, as mais vulneráveis vítimas de crime, é apresentado na Casa Pia de Lisboa nesta quarta-feira.

Promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), com financiamento do Alumni Engagement Innovation Fund, do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, a iniciativa é direccionada para crianças e jovens por estes serem também dos mais desinformados e dos mais renitentes em denunciar um crime quando dele são vítima, refere a APAV.

Aumentar a quantidade e qualidade da informação disponível para crianças e jovens com idades entre os 12 e 18 anos sobre o que é ser vítima de crime é um dos objectivos da iniciativa, explica Frederico Moyano Marques, assessor técnico da associação.

O projeto ABC Justice durou um ano, terminou em Agosto e incluiu, igualmente, várias sessões de esclarecimento realizadas em escolas de Norte a Sul de Portugal.

Desmistificar preconceitos que o público-alvo do projecto tem em relação ao sistema de justiça de modo a que quando denunciarem um crime o façam de forma mais cooperante e menos renitente é também, segundo Francisco Moyano Marques, objectivo da iniciativa.



## PORTUGAL

www.abcjustica.pt

### Site explica direitos às vítimas de crimes

Texto Juliana Batista | 22/09/2014 | 15:06



A sessão de lançamento do site ABC Justiça vai realizar-se em Lisboa. A nova plataforma tem «informação acerca do funcionamento do sistema de justiça penal e dos direitos das vítimas de crimes»

IMAGEM

A+ A- ENVIAR IMPRIMIR COMENTAR PARTILHAR

PORTUGAL ANTERIOR SEGUINTE

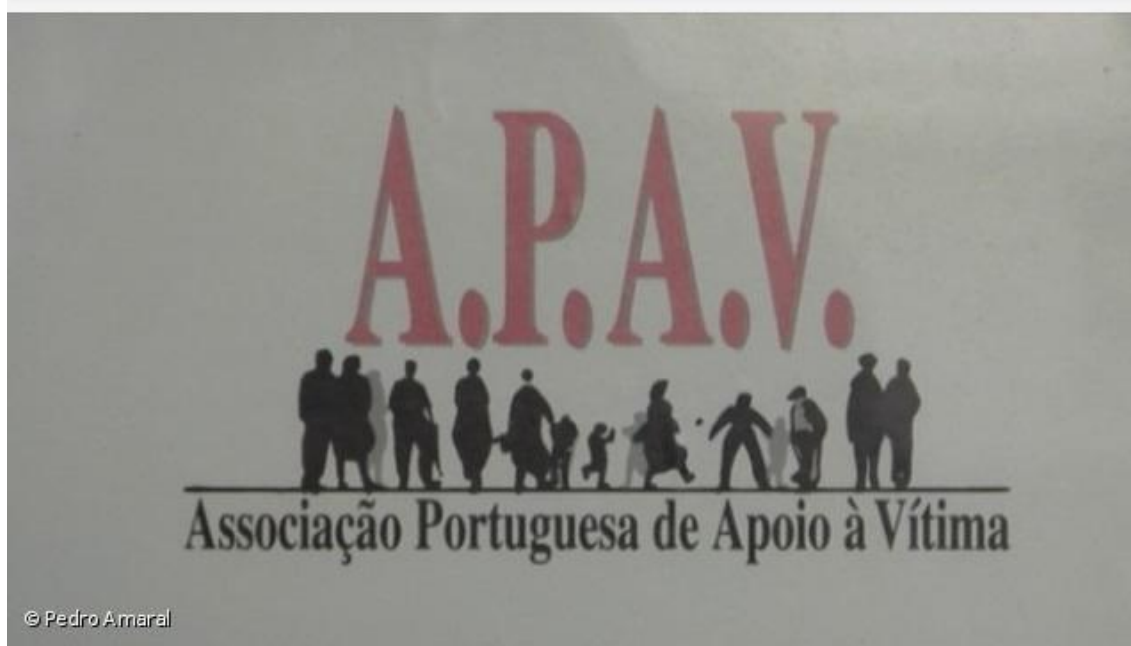
A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) vai promover a sessão de lançamento do site ABC Justiça (www.abcjustica.pt) na próxima quarta-feira, 24 de setembro, pelas 11h00, na Casa Pia de Lisboa. «Este site visa veicular junto da população jovem (12-18 anos) informação acerca do funcionamento do sistema de justiça penal e dos direitos das vítimas de crimes», explicam os responsáveis pela APAV, em comunicado.

A plataforma online foi construída numa «linguagem que se pretende clara e acessível». O site abarca informação sobre as «principais reações e consequências associadas à vitimação, os direitos das vítimas de crime e formas práticas de os exercer e o decurso do processo crime e papel dos seus intervenientes».

Além disso, através da nova plataforma, o internauta poderá encontrar «informação sobre serviços de apoio existentes, links úteis e um glossário». A sessão de lançamento será organizada no âmbito do Projeto ABC Justice, promovido pela APAV e cofinanciado pelo Alumni Engagement Innovation Fund, do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, através da Embaixada dos EUA em Lisboa.

## APAV apresenta hoje sítio abcjustica para crianças e jovens

Lusa/AO Online / Nacional / Hoje, 07:12



202 visualizações

[Tweeter](#) 2

[g+](#) 0

[Gosto](#) 2

[Enviar](#)

O sítio abcjustica, vocacionado para as crianças e os jovens, as mais vulneráveis vítimas de crime, é apresentado hoje na Casa Pia de Lisboa.

Promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, com financiamento do 'Alumni Engagement Innovation Fund', do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, a iniciativa é direcionada para crianças e jovens por estes serem também dos mais desinformados e dos mais renitentes em denunciar um crime quando dele são vítima, refere a APAV.

Aumentar a quantidade e qualidade da informação disponível para crianças e jovens com idades entre os 12 e 18 anos sobre o que é ser vítima de crime é um dos objetivos da iniciativa, disse à Lusa Frederico Moyano Marques, assessor técnico da Associação.

O projeto ABC Justice durou um ano, terminou em Agosto e incluiu, igualmente, várias sessões de esclarecimento realizadas em escolas de norte a sul de Portugal.

Desmistificar preconceitos que o público-alvo do projeto tem em relação ao sistema de justiça de modo a que quando denunciarem um crime o façam de forma mais cooperante e menos renitente é também, segundo Francisco Moyano Marques, objetivo da iniciativa.



## SOCIEDADE

# APAV ajuda jovens a compreenderem melhor sistema de justiça

Projeto ABC Justice tem como «finalidade aumentar a quantidade e a qualidade da informação disponível para crianças e jovens»

Por: tvi24 / AM | ontem às 08:51

Anunciar com o AdWords

[google.pt/adwords](http://google.pt/adwords)

Promova o seu negócio online Inscreva-se Já esta Oferta de 60Eur

As crianças e os jovens são dos mais vulneráveis perante a vivência de um crime, dos mais desinformados e também dos mais renitentes em denunciar, razões pela qual surge um site especialmente para eles, da responsabilidade da APAV.

O [site](#) resulta do projeto ABC Justice, promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) com o financiamento do 'Alumni Engagement Innovation Fund', do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América.

Em declarações à agência Lusa, Frederico Moyano Marques, assessor técnico da APAV, explicou que o projeto ABC Justice teve como «finalidade aumentar a quantidade e a qualidade da informação disponível para crianças e jovens, entre os 12 e os 18 anos relativamente àquilo que é ser vítima de crime».

Consequência do projeto, surge o site 'abcjustiça' como forma de divulgar «de uma forma simples» e adaptada à população mais jovem o funcionamento do sistema de justiça penal e os direitos das vítimas de crime.

Para além da construção do site, o projeto ACB Justice, que teve a duração de um ano e terminou em agosto, incluiu igualmente a realização de várias sessões de esclarecimento em escolas de norte a sul do país e ilhas, com o objetivo de passar informação, mas também de esclarecer dúvidas.

«As dúvidas têm a ver com as ideias feitas relativamente a como é que se passa um processo de natureza criminal: porque é que alguém que à partida terá cometido um crime, por exemplo, não fica logo preso, porque é que o processo demora tanto tempo», exemplificou o responsável da APAV.

Segundo Frederico Moyano Marques os jovens acabam por ter as mesmas dúvidas da maior parte da população, já que, no que diz respeito às matérias judiciais, o défice de informação é geral e transversal.

«Acontece que esta população é considerada mais vulnerável, particularmente fragilizada quando vivencia uma situação de crime», apontou, sublinhando que as crianças e os jovens sempre foram um dos público-alvo da APAV.

Apontou, no entanto, que se para a população em geral a informação sobre estes temas é escassa, «então a informação adaptada a este escalão etário ainda mais rara é», justificando assim a necessidade que a APAV sentiu «de ir ao encontro desta população».

Outro problema relacionado com os mais jovens, está no facto de terem «muito medo ou receio em denunciar um crime de que foram alvo, seja por vergonha, seja por medo de represálias ou medo de exposição da sua vida privada», o que leva Moyano Marques a considerar que se trata de «uma população com particular índice de cifras negras no que diz respeito à denúncia».



## APAV tem dúvidas sobre acesso a lista de pedófilos

Antena 1

02 Set, 2014, 09:26

**A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima tem dúvidas sobre a divulgação da identidade de pedófilos, conforme uma proposta de lei que o governo vai levar à Assembleia da República e que está em discussão pública**

A proposta de lei prevê a criação de uma base de dados, acessível a pais de filhos menores de 16 anos. Um registo nacional com o nome, idade e residência de pedófilos, que já tenham cumprido pena por abuso sexual de crianças ou adolescentes.

João Lázaro da APAV receia alarmismos na comunidade e alerta para o risco de os pedófilos serem assim condenados a uma segunda pena. Em declarações ao jornalista Frederico Moreno, o presidente da APAV até questiona a necessidade de uma base de dados deste tipo, tendo em conta que faltam meios para a prevenção da violência sexual sobre os mais jovens.



Corrigir

Leia-me

Imprimir

Enviar

Partilhar

Aumentar

Diminuir



21 Setembro, 2014 at 10:16

## Teleassistência não chega a todas as vítimas por falta de conhecimento

Posted by **Agência Lusa**



A **teleassistência** existe para **proteger as vítimas de violência doméstica** em fase de inquérito, mas nem todas têm acesso a esta medida ou têm-no muitas vezes tarde demais por **falta de conhecimento sobre o sistema**.

O sistema arrancou de forma experimental em 2009 e existe para "garantir às vítimas de violência doméstica apoio, proteção e segurança adequadas", explica a secretária de Estados dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade.

Quem decide a aplicação da medida é um juiz ou o Ministério Público durante a fase de inquérito, "sempre que considerarem que isso é imprescindível para a proteção da vítima", determinando "que lhe seja assegurado um apoio através de uma proteção por teleassistência".

A evolução da medida mostra que o número de vítimas com direito ao aparelho tem sido sempre inferior ao número total de dispositivos.

Números disponibilizados por Teresa Morais revelam que em dezembro de 2011 havia 13 vítimas com teleassistência apesar de existirem 50 aparelhos.

"Um ano depois, quando chegámos a 31 de dezembro de 2012, eram 47, a 31 de dezembro de 2013 eram 117 e ontem [11 de setembro] eram 207 medidas aplicadas em simultâneo", adianta.

Em maio de 2012 havia 100 aparelhos, 150 em março de 2013, 200 em janeiro de 2014 e 300 em agosto.

Significativo é também o facto de a primeira decisão judiciária de aplicação da medida ser de março de 2011 quando o sistema de teleassistência existe desde 2009.

"Nem todas as vítimas têm esta medida porque o juiz ou o Ministério Público tomou essa decisão e não a tomou, imaginamos nós, porque não tem ainda suficiente conhecimento da existência da medida ou porque achou que ela não se justificava", admite a secretária de Estado.

Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e responsável pela área da violência doméstica classifica a teleassistência como uma "boa medida de proteção", que "minimiza a situação de vulnerabilidade em que as vítimas se encontram e aumenta a reintegração social", mas que também tem "um senão".



"Muitas vezes aquilo que acontece relativamente às medidas de proteção é que elas demoram muito tempo a ser aplicadas", frisando que a legislação estipula a sua aplicação no prazo de 48 horas, mas que muitas vezes "demora até seis meses".

"Sabemos que muitos dos números dos homicídios conjugais, de femicídios, das mulheres que foram assassinadas, muitas delas foram exatamente assassinadas nesta janela de tempo que foi o pedir uma medida de proteção", alerta Daniel Cotrim.

Da parte do responsável da APAV a explicação não está tanto na falta de sensibilização das diferentes entidades ou má avaliação do grau de perigo, mas porque muitas vezes "não houve celeridade no processo".

Teresa Morais garante que o plano tem sido o de aumentar as ações de formação dos magistrados, para lhes dar a conhecer o sistema, ao mesmo tempo que têm vindo a multiplicar o número de aparelhos.

O futuro passa agora por consolidar o sistema de teleassistência em todo o território nacional, já que ele já está a funcionar em todo o país, sendo que para essa consolidação "é fundamental continuar a fazer a formação dos magistrados", sublinha.

"Esta medida é fundamental (...) e tem havido muitos casos ao longo do tempo em que se evita uma agressão, que pode ser fatal, pelo facto da vítima ter acionado a tempo esse aparelho", disse a secretária de Estado.

[↑](#) [Início](#) » [Local](#) » APAV promove espaço cultural com Tiago Gomes & Agendas Obscuras

## APAV promove espaço cultural com Tiago Gomes & Agendas Obscuras

Colocado por redacção em Setembro 12, 2014

0 Comentários



No dia 25 de Setembro, Quinta-feira, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) leva a palco Tiago Gomes & Agendas Obscuras, num concerto que está marcado para as 19h30.

O espaço APAV & Cultura, na rua José Estêvão 135-A, em Lisboa, abre portas a mais uma actuação que pretende dinamizar o Espaço APAV & Cultura, através da programação de uma série de eventos culturais de âmbito diverso.

Entre a *spoken word* e a declamação poética, a voz de Tiago Gomes surgirá de um fundo instrumental improvisado de Agendas Obscuras

Desde Junho de 2008 o espaço já acolheu mais de cinquenta concertos de jazz, música alternativa, folk, improvisada e experimental, além de ter programado tertúlias e exposições.



## Bloco leva piropo ao Parlamento com punição até três anos

MARIA LOPES 24/09/2014 - 07:11

Plenário debate esta quarta-feira alterações ao Código Penal para criar crimes de assédio sexual, de perseguição e de casamento forçado. Há propostas do BE, PS e PSD/CDS.



Recomendar Partilhar 3.235 Tweetar 0 +1 1

Um ano depois de ter trazido o piropo para a discussão pública com uma primeira intenção de o criminalizar, o Bloco de Esquerda insiste no assunto. O partido leva esta quarta-feira à discussão no plenário do Parlamento uma proposta que classifica como crime o assédio sexual – onde se inclui o assédio verbal – e outra para perseguição. A maioria e o PS apresentaram também propostas para criminalizar o *stalking* e o casamento forçado.

O BE cita posições e estudos da APAV, UMAR e CITE para argumentar que a tipificação do crime de assédio sexual é importante para servir como efeito dissuasor. Por assédio sexual entende-se a proposta reiterada de “favores de natureza sexual” ou “comportamento de teor sexual indesejado, verbal [onde se inclui o piropo] ou não verbal, atentando contra a dignidade da pessoa humana”, lê-se no texto bloquista.

Entre os exemplos estão situações de assédio sexual “entre professores e alunos, passando pela agressão a que as jovens e mulheres estão sujeitas nas ruas”, que provocam “custos no desenvolvimento da personalidade de jovens adolescentes, vítimas privilegiadas destes comportamentos”.

O tema foi trazido para a ribalta na *rentrée* do Bloco, no Fórum Socialismo 2013, com a mesa-redonda “Engole o teu piropo” em que as organizadoras – duas feministas, uma delas militante bloquista – defenderam que o piropo devia ser criminalizado. E estalou a polémica. Depois, vieram justificar que pretendiam apenas “levantar a discussão sobre o assunto” e não protagonizar qualquer iniciativa de proibir o piropo.

Para definir perseguição, os partidos inspiraram-se na Convenção de Istambul, que considera que é um comportamento de “perseguição, intimidação, ameaça e/ou contactos e comunicações indesejadas, de forma continuada e persistente”. O grupo de vítimas mais vulnerável a este comportamento é o das mulheres jovens.

Numa questão todos estão, à partida, de acordo: o crime de perseguição (conhecido pelo conceito de *stalking*) deve ser punido com uma prisão até três anos. A mesma pena que o BE propõe para o crime de assédio sexual.





STALKING

## Cinco conselhos para lidar com o stalking

4/9/2014, 0:00 ➔ 305 PARTILHAS

Partilhe    

Tem sido perseguido fisicamente ou pela internet? Veja aqui o que pode fazer. Os conselhos são da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.



Registar todos os incidentes é um dos conselhos

AFP/Getty Images

O stalking é uma forma de agressão. Consiste num conjunto de comportamentos de assédio persistente de um stalker a uma vítima. Para que este género de perseguição termine ou pelo menos que consiga lidar melhor com ele, adote uma estratégia de proteção baseada em algumas atitudes.

- **Evite a comunicação com o autor das agressões.** Elimine o contacto e o confronto com o stalker, de modo a desincentivá-lo. Quer sejam mensagens escritas, emails, telefonemas ou outras formas de interpelação. É essencial que resista a responder ao agressor;
- **Conte à sua família,** amigos e até vizinhos o que se está a passar para que, também eles, estejam alertados para a situação e possam identificar o agressor. Perseguir as pessoas com quem a vítima interage é prática habitual do stalker. Da mesma forma, é importante que avise as pessoas que estão nos sítios que frequenta habitualmente, quer sejam os colegas de trabalho, de escola, do ginásio ou de outra atividade, e orientá-los para que não deem nenhuma informação sobre a sua vida;



- **Siga outros caminhos que não os habituais**, ou troque regularmente de percurso, sugere a APAV. Uma das atitudes mais frequentes no agressor é seguir a vítima e frequentar os mesmos sítios que ela. O stalker traça o percurso de vida do alvo, estuda as horas e as rotinas quotidianas. Baralhá-lo é uma boa opção.
- **Registe todo o tipo de incidentes suspeitos**, com todos os pormenores que conseguir detetar: data e hora, a roupa que o agressor tinha vestida, o que aconteceu, quem estava presente e outras pontos importantes.
- Por fim, o maior conselho: **consulte a polícia** logo que alguma situação ocorra. Denunciar é sempre a melhor opção, explica a associação, para que se faça pressão no sentido de criar uma legislação específica que cubra os casos de stalking. Neste momento, a condenação pelos crimes de stalking acontece recorrendo a outro tipo de situações, como invasão da vida privada ou ameaça. nenhuma informação sobre a sua vida;



STALKING

## Dois milhões de portugueses já foram vítimas de stalking

4/9/2014, 0:00 ➔ 170 PARTILHAS

Partilhe [f](#) [t](#) [g+](#) [in](#)

Os casos de stalking começam por elogios e acabam em ameaças. Em 20% dos casos, houve mesmo agressões físicas. O stalking deixa marcas nas vítimas, que podem durar a vida toda.



Em 20% dos casos, a vítima foi agredida  
Getty Images

Aparecer de surpresa à porta de casa e enviar emails e mensagens escritas com elogios constantes: “Fomos feitos um para o outro, o nosso destino está traçado nas estrelas”. Podem ser frases simpáticas para a maioria das pessoas, mas assumem outros contornos quando são o início de uma perseguição constante. Este género de comportamento tem um nome: stalking. E grande parte dos portugueses já foi vítima de perseguição. De acordo com um estudo recente, 19,5% dos portugueses já foi vítima de stalking pelo menos uma vez, e destes 20% chegou mesmo a ser agredido.

O comportamento não é nem raro nem novo e já afetou cerca de dois milhões de portugueses. De acordo com um estudo feito por investigadores da Universidade do Minho, a maior percentagem de vítimas é do sexo feminino. Cerca de 25% das mulheres admitem já terem sofrido assédio persistente e 13,3% dos homens também já foi objeto de stalking, segundo o estudo feito em 2008 e apresentado em Abril pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

A investigadora Célia Ferreira conta que o stalker pode ter várias razões que o impelem à intimidação. Na maioria dos casos, as razões são “amorosas”, explica, como alguém que não aceita o fim de uma relação e tenta a todo o custo recuperá-la. Depois, vem a vingança e a inveja. “Pode ser alguém que deseja muito ter a vida daquela pessoa ou que tem uma obsessão, quer seja no sentido positivo ou negativo”.

Alguns dos casos que afetaram mulheres, estudados durante a investigação, começaram com um envio “exagerado” de flores, conta a investigadora. E exemplifica: “Uma das vítimas entrevistadas recebeu 30 ramos de flores num dia”. Depois, veio a invasão de propriedade, as ameaças e a violência física.

O objetivo do stalker é o de inspirar medo na vítima. Mas a sua atitude nem sempre está ligada a uma patologia, explica Célia Ferreira. “Há pessoas que não aprenderam a lidar com a rejeição em crianças e isso repercute-se em adultos. A aceitação da negação pode nunca chegar para algumas pessoas”, refere. O maior número de casos encontra-se entre os 16 e os 29 anos.

Nos Estados Unidos, o ‘stalking’ é apontado como o responsável por danos sociais e físicos a um milhão de mulheres e a 400 mil homens, todos os anos. Em Inglaterra, os registos das autoridades policiais referem, anualmente, cerca de 600 mil homens e 250 mil mulheres, vítimas de crimes como a invasão de privacidade, ofensa à reputação e danos à integridade psicológica e emocional. Quando os tribunais são chamados pelas vítimas a intervir, as decisões judiciais passam, na maioria das vezes, por proibir a aproximação física entre o alvo e o agressor.

Atualmente, na Europa, há leis anti-stalking em nove países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Irlanda, Itália, Malta e Reino Unido. Mas, em Portugal, não há uma legislação específica para estes casos, o que “complica a proteção das vítimas”, lamenta Célia Ferreira. O que ficará agora coberto quando a nova legislação for aprovada.

Nos casos em que existe condenação, os crimes invocados passam por invasão da vida privada ou ameaça agravada.

Além do caso de António Manuel Ribeiro, também a apresentadora Catarina Furtado foi vítima de assédio persistente. O stalker que a perseguia ia todos os dias vê-la ao teatro. Na altura, não fez nada para o deter. Só quando foi ameaçada de rapto é que recorreu às autoridades. O humorista Nuno Markl também contou que foi ameaçado, através da internet, por alguém que descrevia os seus passos e os de Ana Galvão, a sua mulher.



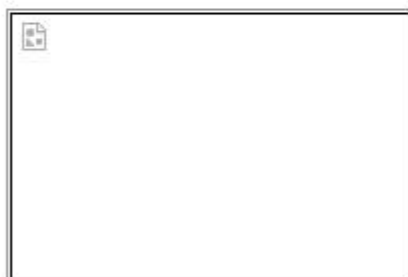
## O "stalking em números

- Cerca de 20% dos portugueses (19,5%) disse já ter sido vítimas de stalking;
- 25% das mulheres entrevistadas para o estudo da APAV foi alvo daquele comportamento;
- Entre os homens, a percentagem é de 13,3%;
- A maior prevalência de casos dá-se entre os 16 e os 29 anos;
- O assédio dura entre 3 a 6 meses;
- Apenas 40,9% das vítimas procurou apoio. Mais de metade são mulheres.
- 68% dos stalkers foi identificado como sendo do sexo masculino.
- 40,2% declarou ter sido perseguida por um conhecido/colega /familiar ou vizinho;
- 31,6% disse que o stalker provinha de uma relação de intimidade atual ou passada. 50,7% das situações tinha ocorrido após a relação terminar;

Mas o stalking pode tomar outros contornos. Além da perseguição, há quem tente contacto físico ou faça (e concretize) ameaças:

- Houve agressões em 21,2% dos casos;
- Houve tentativa de contacto indesejado com 79,2% dos inquiridos;
- Em 58,5% dos casos, o stalker aparecia em locais habitualmente frequentados pela vítima;
- A perseguição manifestou-se em 44,5% dos casos;
- Mais de 80% das vítimas referiu que os comportamentos ocorriam diária ou semanalmente. Mas há casos mais graves: perseguições com a duração de mais de um mês, foram relatadas em 66,8% dos casos. Em 31,9% dos casos, as situações de stalking duraram entre um a seis meses. 15,3% dos casos duraram mais de dois anos.
- O stalking tem ainda efeitos psicológicos nas vítimas: 43,2% referiu ter ficado pouco assustada, 31,8% não ficou assustada, e 25% revelou ter ficado muito assustada.

## Paulina Lira visitou a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV-Braga)



**A vilaverdense Paulina Lira, actual líder da JS de Vila Verde e candidata ao Departamento Federativo das Mulheres Socialistas de Braga "Juntos Pela Renovação", visitou a APAV-Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, em Braga. A**

**comitiva socialista foi recebida por Teresa Sofia Silva, gestora do Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) da APAV de Braga, instalado numa sala cedida pela Junta de Freguesia de S. Victor, com o intuito de «avaliar um dos mais graves problemas que afetam as mulheres portuguesas, a violência doméstica».**

Refira-se que os crimes praticados no âmbito da violência doméstica representam mais de 80% dos crimes registados pela APAV. Num total de 8 733 casos acompanhados pela APAV em 2013, 82,8% destes eram pessoas do sexo feminino, avança a instituição.

De acordo com nota da candidatura, «esta iniciativa está integrada num conjunto de visitas a instituições e serviços do distrito que apoiam e procuram resolver alguns dos problemas e necessidades que mais afetam as mulheres e a sociedade atualmente, no âmbito da apresentação da candidatura ao Departamento Federativo das Mulheres Socialistas de Braga JUNT@S PELA RENOVAÇÃO, procurando desde já a criação de pontes com a sociedade civil de forma a contrariar o desinteresse e distanciamento entre as pessoas e os partidos e demonstrando na prática as linhas de atuação futura do departamento se esta candidatura merecer a maioria dos votos das Mulheres Socialistas do distrito».





BE quer que crime de perseguição seja fortemente punido

24.09.2014 15:23

## BE leva piropos ao Parlamento

**Partidos propõem alterações ao código penal para os casos de assédio sexual, perseguição e casamento forçado.**

O Bloco de Esquerda (BE) voltou a insistir na criminalização do piropo. Um ano depois de discutir o tema, o partido levou esta quarta-feira uma proposta que classifica o piropo como crime de assédio sexual e outras duas propostas para criminalizar a perseguição e o casamento forçado.

Estudos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) e Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE) são usados para argumentar este ponto pelo BE. O partido dá ainda como exemplos situações de assédio sexual "entre professores e alunos, passando pela agressão a que as jovens e mulheres estão sujeitas nas ruas", que têm "custos no desenvolvimento da personalidade de jovens adolescentes".

Quanto à perseguição, conhecida também pelo termo *stalking*, todos os partidos estão de acordo: o ato deve ser punido até três anos de prisão. O BE propõe a mesma pena para o crime de assédio sexual.

O Bloco vai ainda mais longe, dizendo que a pena para o crime de *stalking* deve ir até aos 12 anos de prisão em circunstâncias mais graves como, por exemplo, no caso de ser feito contra menores de 16 anos, resultar em ofensa à integridade física grave ou na morte da vítima. A coligação PSD/CDS admite, nestes casos, que a pena vá até aos cinco anos.

Para as situações de casamento forçado, o PS propõe uma pena de três a dez anos, enquanto a direita fala em penas até aos cinco anos.

➤ [LER TODOS OS COMENTÁRIOS](#)



## APAV nos Açores acompanhou em 2013 cerca de 750 processos de apoio à vítima

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos Açores acompanhou, em 2013, cerca de 750 processos, a maioria de violência em contexto familiar, mas têm aumentado outros tipos de crime, nomeadamente patrimoniais, os furtos e burlas.

Texto: Lusa / Açores 9 | Foto: Direitos Reservados

# APAV®



13h12 - 30 de Setembro de 2014 | Regional

Tweepster 0

Share 7

Aumentar texto Visualizações  
 Reduzir texto 2918

“As denúncias aumentam todos os anos. Começámos a nossa atividade em 2004 com cerca de 42 processos, por ano, de apoio à vítima, e estamos com cerca de 750 processos por ano, e este ano vamos ter mais”, afirmou a gestora da APAV nos Açores, Helena Costa, acrescentando que este aumento não significa que existam mais crimes, mas uma “maior proatividade” e consciencialização das próprias vítimas.

Helena Costa falava à margem das III Jornadas Contra a Violência, que reúnem hoje vários especialistas, em Ponta Delgada, para debater quatro temáticas centrais: o direito das vítimas à informação, o apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio, crianças e jovens vítimas de ‘cyberbullying’ e o tráfico de seres humanos.

Sublinhando que a APAV tem realizado várias campanhas de sensibilização pelas nove ilhas açorinas, abrangendo escolas, centros de saúde, comissões de proteção e as várias polícias, Helena Costa salientou que a APAV começa a abranger um leque “mais diversificado de situações crime”, o caso até do ‘cyberbullying’, embora a violência doméstica continue a ter a maior percentagem “com cerca de 80%”, mas já chegou a ser de 90%.

No ano passado, a APAV nos Açores acompanhou “cerca de 750 processos de apoio à vítima”, mas em relação a este ano, ainda não foi feito o tratamento estatístico dos dados, mas tudo aponta para “um aumento” em relação a 2013.

“Estávamos muito habituados a trabalhar com as mulheres vítimas de violência doméstica e agora já começamos a abranger a população mais idosa, assim como outros crimes, nomeadamente os crimes patrimoniais, furtos, burlas ou roubos”, disse, frisando que a polícia tem realizado também “um intenso trabalho de sensibilização da população”.

Questionada sobre o facto de se sucederem nas últimas semanas os casos de detenção por abuso sexual de crianças nos Açores, a gestora da APAV no arquipélago disse que à associação “também têm chegado este tipo de situações”, mas considerou que a visibilidade “não tem a ver com um aumento do número de casos, mas “uma maior preocupação em relação a esta problemática”.

“O que se nota é que há, da parte da Polícia Judiciária, uma postura muito proativa e as notícias também se têm sucedido por isso, não tem a ver com o facto de haver mais crimes, mas uma maior proatividade por parte das polícias que estão atentas e têm investigado todas estas situações”, considerou.





## SOLIDARIEDADE

## 'A minha gasolina são os outros'

O que move o maratonista amblíope Jorge Pina para correr o País de ponta a ponta?

Em «Corre Por Mais Portugal», o atleta propõe-se, em dez dias, angariar fundos para uma dezena de instituições de apoio humanitário, através da nova plataforma nacional de crowdfunding.

Nós Queremos. «Andam à procura da felicidade no Ter e ela está no Ser», diz o ex-pugilista de 38 anos, que perdeu a visão na prática de boxe. Ajudar está-lhe na massa do sangue.

POR SÓNIA CALHEIROS

**P: Qual é a sua motivação para esta prova?**

**R:** Tenho um gatilho e um rastilho diferente do das outras pessoas. Todos nós conseguimos, é claro que é preciso treino e uma preparação especial, mas somos todos constituídos da mesma massa. Temos de treinar e a maior parte desse trabalho é mental. O que me motiva e me dá mais força é saber que vou ajudar as outras pessoas. A minha gasolina são os outros. Como sei que estou a fazer algo especial por alguém, fico com mais força e com mais vontade tenho de o fazer. É isso que não me deixa desistir.

**P: E como se faz esse treino mental?**

**R:** Com meditação. A minha receita é encontrarmo-nos a nós próprios. Crescemos interiormente e a felicidade e a energia aparecem e tornamo-nos pessoas diferentes. Não há impossíveis quando se consegue encontrar o nosso ser.

**P: No boxe queria ser como o Muhammad Ali. E no atletismo quem é a sua inspiração?**

**R:** A minha corrida é uma luta e uma conquista interior. É uma competição comigo mesmo. Quero fazer melhor do que já fiz e, claro, que gostava de ser como o Carlos Lopes – ele só foi campeão olímpico com a minha idade, eu também ainda o posso ser. Vou apostar muito nos Jogos Paralímpicos de 2016 para conseguir ir mais além.

**P: Qual é o maior desafio desta prova?**

**R:** É chegar ao fim e ajudar as dez instituições. Não é um desafio só meu é de todos os portugueses.

Lema para vencer

'Só aqueles que tentam é que conseguem'



Altura  
1,74 m

Peso  
70 kg

Calçado  
43/44



## POR ONDE PASSA

Os 790 km que ligam Viana do Castelo a Vila do Bispo serão corridos com o auxílio de três guias e de um fisioterapeuta. A meio de cada etapa, em média de 80 km feitos em oito horas, Jorge Pina irá parar, no máximo, uma hora, para se hidratar, comer, receber mensagens e fazer alongamentos. Além de um plano alimentar rigoroso e de uma equipa médica de prevenção em cada cidade, o atleta lisboeta será escoltado por três carros de apoio, estrategicamente, colocados a cada dez quilómetros.

5 out Viana do Castelo

6 out Porto

7 out Aveiro

8 out Figueira da Foz

9 out Ourém

10 out Santarém

11 out Lisboa

12 out Grândola

13 out Sines

14 out Sagres/Vila do Bispo

## UMA CORRIDA POR DEZ CAUSAS

A campanha Corre Por Mais Portugal, na nova plataforma nacional de crowdfunding Nós Queremos, irá ajudar a Associação Jorge Pina; CRID – Centro de Reabilitação e Integração de Deficientes; APLAS – Associação Princesa Leonor Aceita e Sorri; ACA – Associação Conversa Amiga; Fundação AMA; APEDV – Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais; Crescer Ser; APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima; Aldeias de Crianças SOS; APPT21 – Associação Portuguesa de Portadores de Trissomia 21.

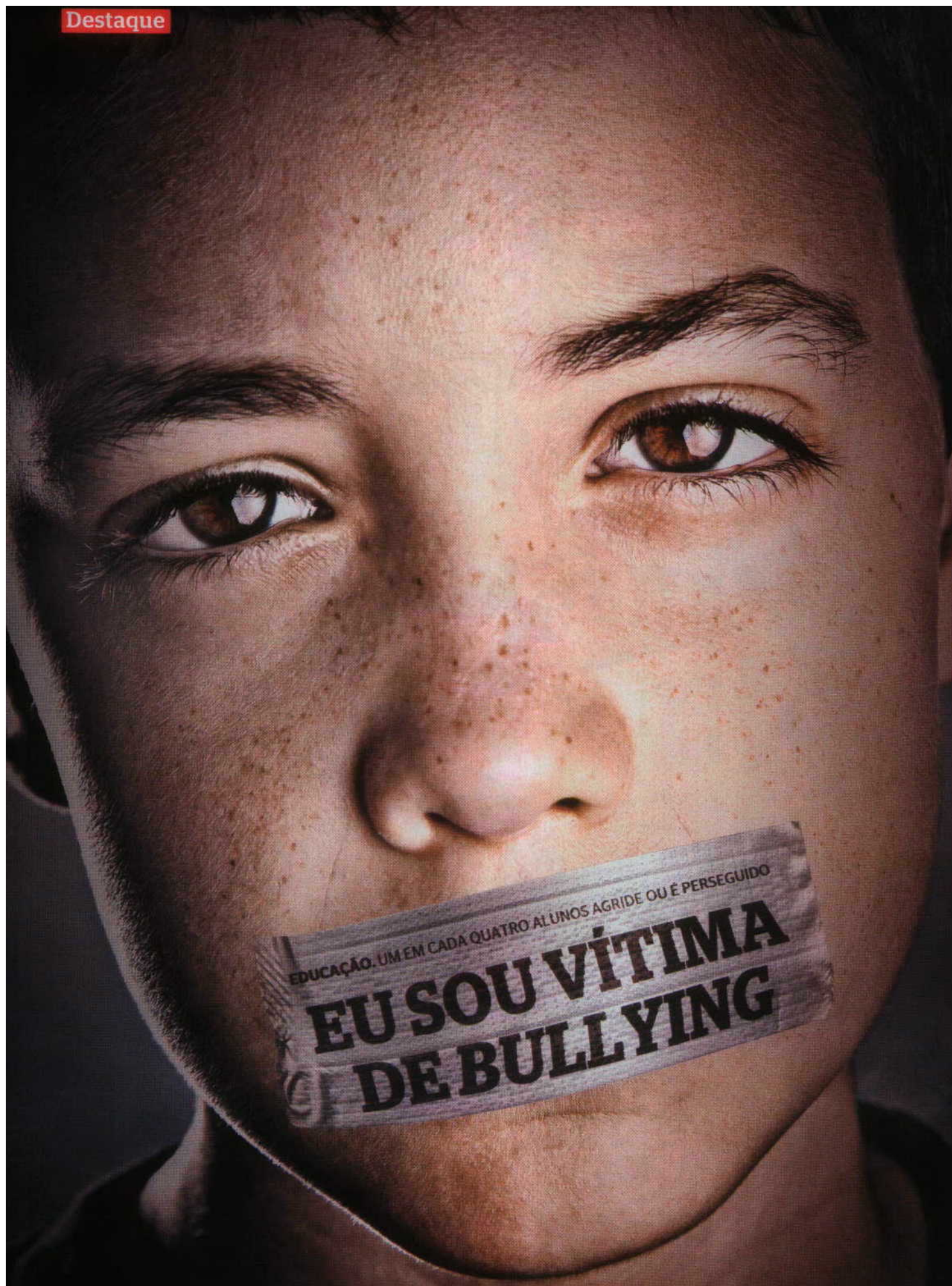




ID: 55865606

25-09-2014

**Destaque**



EDUCAÇÃO. UM EM CADA QUATRO ALUNOS AGRIDE OU É PERSEGUIDO

**EU SOU VÍTIMA  
DE BULLYING**





O regresso à escola pode ser dramático. E não é por causa das aulas. Há cada vez mais casos de *bullying* em Portugal. Ouvimos uma mãe que perdeu o filho, outra que tenta salvar o dela, acompanhando-o em todos os recreios. E descobrimos um agressor arrependido. Por Rita Garcia e Vera Moura

**N**a semana passada, na véspera do primeiro dia de aulas, P. estava muito ansioso. Dormiu mal, agitado, e no dia seguinte acordou muito antes de o despertador tocar. A mãe, Adelaide Nunes, foi deixá-lo à porta da Escola EB 2, 3 da Senhora da Hora, em Matosinhos, e ficou à espera do toque para se afastar do portão. Passou o resto da manhã ali perto, escondida, a olhar discretamente para o recreio. No intervalo, viu que o filho não brincou, não matou saudades dos colegas, não quis saber como tinham sido as férias dos outros. Preferiu ficar sozinho, na entrada, perto de um funcionário.

Para Adelaide, o comportamento do filho não foi uma surpresa. No ano passado, entre Janeiro e Março, Adelaide, a mãe, passou os dias inteiros à porta da escola a protegê-lo das investidas dos colegas. Nos intervalos, o filho, de 11 anos, ia para o portão e ali ficava, a olhar para ela, até tocar outra vez. Nessa altura, uma funcionária ou um professor levava-o de volta à sala de aula, onde o rapaz se sentava imóvel – calado, encolhido, distraído, cheio de medo do próximo intervalo, desejoso que chegasse a hora de ir para casa. Mas em casa comia mal, dormia mal, inventava que lhe doía a barriga, ou a cabeça, ou outra coisa qualquer. Quando a mãe o tentava consolar, chorava e repetia: “Só ando aqui para sofrer... Eu quero morrer.”

P. foi agredido por um grupo de seis rapazes mais velhos, com idades entre os 13 e os 15 anos, em Dezembro de 2013. No intervalo da tarde, cerca das 16h30, cercaram-no nas traseiras da escola, deram-lhe palmadas na parte de trás do pescoço e murros na cabeça. Ameaçaram matá-lo, simulando com as mãos que lhe davam tiros de pistola. Quando o rapaz tentou fugir, puxaram-lhe as calças e as cuecas para baixo. Nenhum funcionário assistiu – mas as dezenas de

◀ O início do ano lectivo é um momento de ansiedade para a maioria dos miúdos. Para as vítimas de *bullying*, é o reinício do terror

**NA VÉSPERA DO INÍCIO DO ANO LECTIVO, P. DORMIU MAL. NA ESCOLA, É VÍTIMA DE BULLYING**

**MANDARAM-NO “FAZER SEXY COM A PAREDE” E SIMULAR O ACTO SEXUAL À FRENTE DE TODOS**

miúdos que estavam no recreio riram-se dele.

A mãe estava habituada a ouvir o filho contar as brincadeiras de mau gosto e as piadas que ouvia desde pequeno: P. sofre de síndrome de Asperger, uma variante do autismo que se reflecte em comportamentos como dificuldade de interacção com os outros, dificuldade de interpretação e expressão de emoções e tradução muito literal da linguagem. O transtorno transforma-o num alvo de *bullying* típico, explica o psicólogo clínico João Faria: “Os miúdos com autismo ligeiro são presas fáceis, porque têm muita dificuldade em lidar com estas situações isoladamente. Os agressores, fisicamente dominantes, aproveitam-se desta fragilidade.”

“Como é um menino diferente, sei que é normal os outros gozarem, serem cruéis, fazerem brincadeiras estúpidas”, admite Adelaide Nunes, 45 anos, à SÁBADO. Antes desta agressão, os mesmos rapazes já tinham tentado humilhar P. várias vezes. Numa delas, encostaram-no a uma parede e ordenaram que fingisse estar a ter relações sexuais. “Ele é tão ingénuo que, alguns dias depois, quando lhe perguntei porque andava tão em baixo, me confessou que o tinham mandado fazer ‘sexy com a parede’. Mas nunca tinha acontecido nada tão grave como desta vez, nunca lhe tinham batido ou humilhado com a escola em peso a ver e a rir. Não deixo que volte a acontecer”, garante.

#### O que é o *bullying*?

O *bullying* é, por definição, uma forma intencional de violência que se repete ao longo do tempo, com o objectivo claro de afirmar o poder do agressor sobre a vítima. Nem sempre os ataques são físicos: muitas vezes consistem em ameaças, ofensas e calúnias que têm, frequentemente, consequências graves. “As vítimas sentem-se incapazes e convencem-se de que merecem as investidas dos outros. Têm tanta vergonha que lhes falta coragem para falar. Podem demorar



Destaque

«muitos meses a pedir ajuda», diz a socióloga Susana Carvalhosa, uma das primeiras investigadoras a dedicar-se ao assunto em Portugal.

No dia em que P. foi agredido, chegou a casa transornado. Deu um pontapé à mãe e gritou que a culpa «de tudo» era dela, que o obrigava a ir à escola. Adelaide demorou muito tempo a acalmá-lo e só depois o rapaz conseguiu descrever, envergonhado, o que tinha acontecido. A mãe fez queixa na escola logo no dia seguinte e a direcção garantiu que ia investigar. Passaram nove meses e os responsáveis nunca foram castigados. Não houve sequer um pedido de desculpas. No período seguinte, a criança teve notas piores a quase todas as disciplinas.

Adelaide insistiu, mas a directora desdramatizou: «Estes processos demoram», disse-lhe. E a desempregada tomou algumas decisões: fazer queixa à PSP e ao agrupamento escolar, exigir um castigo exemplar para os responsáveis (trabalho comunitário na escola, como limpar casas de banho ou apanhar o lixo) e pedir um psicólogo para acompanhar o filho semanalmente. A resolução mais importante: instalar-se à porta da escola para P. se sentir protegido. O dia todo. Todos os dias.

A mãe foi aconselhada por familiares, amigos e pais dos colegas de P. a tirar o filho da EB 2, 3 da Senhora da Hora e escolher uma nova escola. Recusou-se sempre, apoiada pelos professores e psicólogos da criança. «Para ele, a adaptação a uma nova escola seria difícil. E achei sempre que não era o meu filho que estava deslocado – quem devia ser castigado e nunca foi é que está mal.» O rapaz recuperou as notas e conseguiu passar de ano; a escola garantiu as sessões de psicologia semanais; e a PSP organizou *workshops* sobre violência para apresentar nas turmas mais complicadas.

O psicólogo João Faria diz que a mudança de escola é o terceiro acontecimento mais stressante na vida de uma criança, pelo que, mesmo em caso de *bullying*, é uma solução a evitar. «No limite, faz-se, quando a família e a escola não encontram solução ou se desresponsabilizam. Aí a criança faz um *reset*, começa do zero num sítio onde não é conhecida.»

Salva no último instante

Elisa Lousada não encontrou outra solução para a filha senão tirá-la da escola. Até mudou de cidade, para garantir que S. não voltava a ser vítima de *bullying*. Passaram mais de dois anos, mas a auxiliar administrativa diz à SÁBADO que quando a adolescente se lembra daquela quarta-feira de Março de 2012, ainda chora. Nesse dia, chegou a casa às 13h30 para almoçar e, entre lágrimas, contou à mãe: tinha levado um pontapé de uma colega. A mesma que, uma semana antes, com um grupo de quatro raparigas do 7º ano, a agrediu por não lhe dar tabaco e dinheiro.

As ameaças, os insultos e os ataques duravam há meses, mas Elisa não desconfiava de nada. A filha, de 13 anos, inventava desculpas para faltar às aulas, começou a ter notas mais baixas e fechava-se no quarto todas as noites, mas recusava-se a desabafar com a mãe. De

RICARDO MEIRELES

Idade e género



Rapazes

estão mais vezes ligados ao *bullying* do que as raparigas



13 anos

é a idade em que é mais comum ser agressor ou vítima



11 anos

é a idade da maioria das vítimas envolvidas

S. LEVOU  
UMA SOVA  
DE QUATRO  
RAPARIGAS  
POR NÃO  
LHE DAR  
DINHEIRO.  
TENTOU  
MATAR-SE



Sinais de alarme

Saiba como perceber se o seu filho está em risco ou se envolve em agressões

Vítimas

**Escola** Costumam dizer que não querem ir às aulas, mas não explicam porquê. É raro queixarem-se logo do que acontece.

**Sono** Dormem mal, têm pesadelos ou voltam a fazer chichi na cama depois de já não ser habitual.

**Doenças** Podem ser de vários tipos e surgir com muita frequência. Fazem parte da reacção do corpo ao sofrimento psicológico.

**Humor** Tornam-se instáveis. Ficam tristes de repente e não é raro chorarem sem justificação aparente.

Agressores

**Tensão** É frequente terem comportamentos agressivos em relação à família ou aos animais de estimação.

**Objectos** Nalguns casos, trazem para casa dinheiro a mais ou objectos que não lhes pertencem (telemóveis, brinquedos, carteiras, roupas).

**Maus hábitos** Alguns começam a fumar, a consumir drogas ou a envolver-se em actividades perigosas.





GETTY IMAGES

acordo com os especialistas, as queixas dificilmente surgem numa conversa comum, a meio de uma refeição. "O mais frequente é que os pais percebiam de forma indirecta: ou porque os filhos começam a ter pesadelos, ou baixam as notas de forma súbita, aparecem com nódoas negras inexplicáveis, fazem chichi na cama... Um dos principais sinais de alarme é o receio de ir à escola", explica a investigadora Susana Carvalhosa. Se o *bullying* se arrastar por muito tempo, as vítimas até podem começar a sofrer de sintomas físicos e a adoecer sucessivamente.

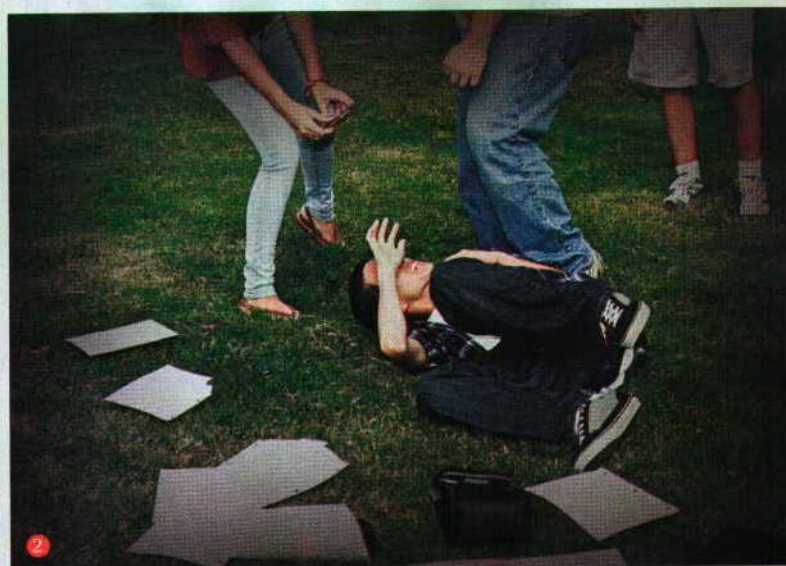
"É importante desfazer o mito de que o *bullying* é uma coisa de miúdos em que os adultos não se devem envolver. A violência não faz parte das etapas do desenvolvimento – o conflito, sim", explica à **SÁBADO** Rosa Saavedra, psicóloga e assessora técnica da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). "Muitas vezes, as crianças têm a sensação de que os pais não vão ajudar – pelo contrário, só vão piorar as coisas. Quando o agressor se vê encurralado pode ceder, mas também pode exercer mais coacção", acrescenta o psicólogo João Faria.

No dia em que S. levou um pontapé e finalmente contou à mãe o que se estava a passar, Elisa saiu de casa e foi à Escola Básica de Sobreira, em Paredes, fa-

F

## Debaixo do olhar da mãe

Depois de o filho lhe dizer que queria morrer, Adelaide passou a ficar horas à porta da escola, para evitar que os outros miúdos gozassem com ele ou lhe batessem. Vê bem que o filho, que sofre de autismo, não tem amigos e só fala com os funcionários no recreio.



THINKSTOCK

1

Nem todas as agressões são físicas. Ameaças, ofensas e calúnias também têm efeitos graves

2

Miúdos inseguros e introvertidos estão mais sujeitos a ser vítimas deste tipo de violência. Quanto mais novos, pior

zer queixa. Quando voltou, por volta das 17h, a filha chorava mais ainda. "Chamou-me, aflita, e notei que tinha a boca e as mãos roxas. Disse-me que estava a deixar de sentir as pernas. Tinha tentado matar-se", lembra a mãe à **SÁBADO**. No caixote do lixo, estavam duas caixas vazias de medicamentos para as varizes e dores musculares. No chão do quarto, o cinto que a pré-adolescente usou para tentar sufocar-se. Em cima da mesa-de-cabeceira, uma carta: S. falava das colegas e pedia desculpa – mas assim não queria continuar a viver.

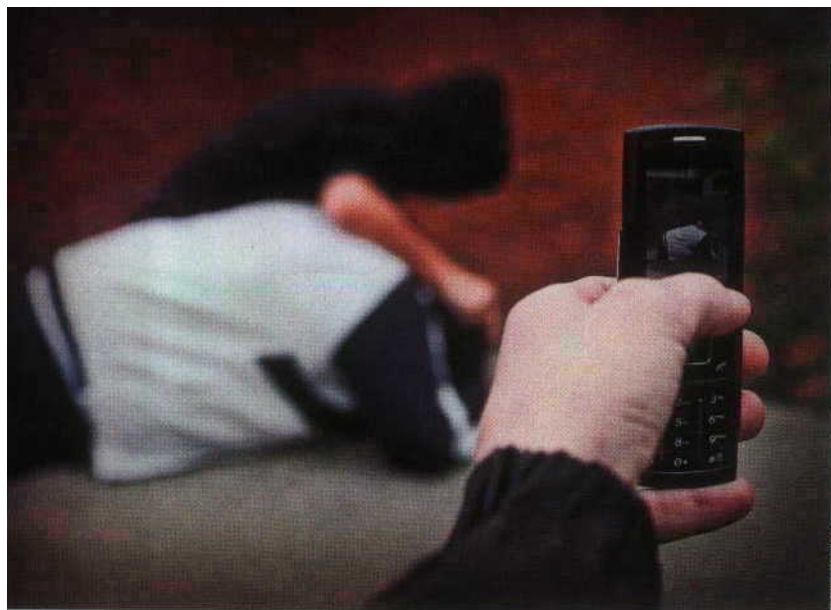
"No hospital disseram-me que foi um milagre ela não ter entrado em coma, ter sobrevivido", conta a mãe, que entretanto decidiu mudar-se para Campanhã. Contratou um advogado, fez queixa à polícia e chegou a depor em tribunal, mas desistiu quando percebeu que as agressoras não iam ser responsabilizadas. "Como são menores, nunca levam castigo nenhum. E ainda fui ameaçada pela mãe de uma delas, que disse que eu estava a difamar a filha", descreve Elisa.

Hoje, S. tem 15 anos. É acompanhada por psicólogos e psiquiatras desde aquela quarta-feira. Chumbou o último ano lectivo e pesa 85 quilos.

Segundo um estudo realizado em 2004, em Portugal, 23,5% dos alunos entre os 10 e os 18 anos vêm-se envolvidos em situações de *bullying* pelo menos duas ou três vezes por mês. A investigação coordenada por Susana Carvalhosa e Margarida Matos, do ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa), contou com as respostas de 6.131 jovens e concluiu que este tipo de problema é mais comum entre os rapazes, sobretudo por volta dos 13 anos. É, no entanto, aos 11 que estão mais sujeitos a ser vítimas.

**POR  
VINGANÇA,  
ALGUMAS  
VÍTIMAS  
TORNAM-SE  
AGRESSORES  
DE OUTROS  
ATRÁVÉS DA  
INTERNET**





GETTY IMAGES

■ Dados do último ano lectivo permitem concluir que os números se têm mantido na última década. Uma pesquisa realizada pela mesma investigadora com 314 alunos dos 10 aos 18 anos, no concelho da Amadora, mostra que 22,3% dos alunos foram ou são vítima de *bullying*. No inquérito feito em Lisboa e Almada onde participaram 357 jovens das mesmas idades, o valor foi de 26,4%.

"O risco é maior para os inseguros e introvertidos. Os mais activos e confiantes lidam melhor com a pressão dos outros. Sentem-se mais confiantes", diz à SÁBADO a psicóloga Tânia Paias, directora do PortalBullying e autora do livro *Tenho Medo de Ir à Escola*, lançado no início deste ano. Por norma, os alvos deste tipo de violência sentem-se muito isolados na escola. "Para miúdos desta idade é aterrador, porque eles precisam de fazer parte de um grupo para ter identidade. Alguns mascaram estes sintomas e tornam-se agressores de outros", explica.

#### Ataques pela Internet

Uma forma de o fazerem é recorrer ao *cyberbullying*, agredindo através das novas tecnologias, explica o especialista João Faria. "Ao contrário do que acontece no *bullying* clássico, escondido atrás do computador o agressor não tem de ser fisicamente dominante, pode até ser franzino. Acompanhei o caso de uma vítima que se refugiou no *cyberbullying* para se vingar dos que a tinham agredido."

Nos últimos anos, várias escolas têm promovido acções de sensibilização sobre esta matéria, em parceria com outras instituições. De acordo com uma fonte da Polícia Judiciária contactada pela SÁBADO, o fenómeno do *cyberbullying* tem vindo a aumentar. "As queixas nunca são apresentadas pelas vítimas, mas por familiares, professores ou outros envolvidos. Outras vezes são os próprios responsáveis das redes sociais que nos dão conta de comportamentos deste tipo", explica a mesma fonte.

Ao contrário das outras vítimas, os alvos de *cyberbullying* não se recusam a ir à escola, mas, se os pais se aproximarem do computador, costumam desligá-lo de forma repentina para ninguém descobrir o que se passa. "Por prevenção, o computador deve estar no meio da sala, ou num local que permita uma boa visibilidade. A privacidade dos jovens começa a partir dos 18 anos. Caso contrário, arriscamo-nos a que

As vítimas de *cyberbullying* não se recusam a ir à escola, mas escondem o computador para ninguém descobrir

#### Padrão



**23,5%** dos alunos portugueses dos 10 aos 18 anos assistiram, foram alvo ou autores deste tipo de violência duas ou três vezes por mês

**OS AGRESSORES SÃO MAIS DISSIMULADOS. EM CASA SÃO AUTORITÁRIOS E APARECEM COM DINHEIRO A MAIS**

## Como prevenir o cyberbullying?

Nuno Moreira, do Centro Internet Segura, da Fundação para a Ciência, dá conselhos

1

### Nunca disponibilizar informação privada

Ensine os miúdos a nunca darem palavras-passe, nem identificarem locais que frequentam (esconder nomes e evitar publicar fotos da escola, por exemplo). Imagens em roupa interior são desaconselhadas.

2

### Não adicionar desconhecidos

Este pode ser um foco de *cyberbullying*.

3

### Saiba o que o seu filho faz online

Pergunte quais os sites preferidos dele e dos amigos e com quem fala.

4

### Ignorar os ataques

É a melhor estratégia. Responder pode provocar mais agressões.

5

### Denuncie

Se descobrir um ataque, guarde tudo como prova, mude as contas e denuncie aos serviços online: no Facebook é fácil. Contacte o Centro Internet Segura. Há linhas de apoio.

sejam vítimas", diz a fonte da PJ.

Se já não é fácil para os pais detectarem que os filhos são vítimas de *bullying*, mais difícil é perceber que têm um *bully* em casa. "Os agressores costumam ser mais dissimulados. E o mais frequente é chegarem à terapia por outros motivos: são autoritários em casa, aparecem com objectos que não lhes pertencem, ou com dinheiro a mais. Só durante o tratamento entendemos o que se passa realmente", explica Tânia Paias. Os adultos devem estar atentos a outros sinais: os miúdos serem agressivos e hostis com os irmãos, sentirem prazer em maltratar animais, terem mau perder e defenderem sempre as suas acções com desculpas como "ele merecia", "ele é que começou" ou "foi só uma brincadeira".

#### Reconhecer um agressor

João (nome fictício) chegou ao consultório da psicóloga Maria de Jesus Candeias com 11 anos, através da escola, depois de um professor perceber que tinha intimidado um colega na casa de banho até aquele lhe dar o



telemóvel. Na altura, não se sabia ainda que o rapaz era *bully*, mas a forma agressiva como se relacionava com os professores e a resistência sistemática às regras foram suficientes para pedir ajuda especializada.

"Era um miúdo franzino, mas liderava a escola. Fui-me apercebendo de que aquele não tinha sido um caso isolado. Ele fazia o mesmo a outros colegas há algum tempo", conta a psicóloga. João humilhava os colegas, batia-lhes e extorquia-lhes coisas. Em casa, ninguém dava por isso. A mãe saía cedo e chegava tarde. Sem a ajuda do ex-marido, trabalhava de manhã à noite para pagar as contas. O miúdo cresceu sozinho, sem regras nem referências morais. "Tornou-se um manipulador nato, com total ausência de sentimentos de culpa ou arrependimento. Não tinha qualquer noção de afecto. Tratava a mãe pelo nome próprio, não percebia as relações humanas", diz Maria de Jesus Candeias.

A psicóloga tentou sensibilizar a mãe para a necessidade de dar seguimento à terapia, mas ao fim de algum tempo João deixou de aparecer nas consultas. "Três anos depois, soube que andava envolvido em assaltos. Começam com pequenos roubos e depois há uma escalada." Alguns pais tentam resolver o assunto com castigos severos, sem saber que essa abordagem só agrava as circunstâncias.

A semelhança do que aconteceu com João, grande parte das denúncias que chegam aos serviços da APAV são feitas pelas escolas. Mas a psicóloga Rosa Saavedra diz que os estabelecimentos de ensino têm fragilidades: "Há pouca gente a vigiar os recreios e o acompanhamento aos miúdos é diminuto. É possível que muitas destas situações passem ao lado das direcções." A socióloga Susana Carvalhosa reconhece que as instituições de ensino estão mais alerta para o fenómeno e que algumas já incluíram normas sobre esta matéria no regulamento interno. Mas há questões difíceis de ultrapassar.

"Por vezes, a direcção quer punir um aluno e não consegue porque os pais, que têm de autorizar a sanção, não o querem fazer", diz à SÁBADO. Além disso,

## A NOTÍCIA DO SUICÍDIO DE UM MIÚDO DE BRAGA FEZ S.P. LEMBRAR-SE DO RAPAZ A QUEM CHAMAVA GORDO E GAY

### População



Um em cada quatro alunos está envolvido em fenómenos de bullying como agressor, vítima ou apenas como testemunha

**I** As vítimas sentem-se inseguras e incapazes. Ao fim de algum tempo, acreditam que merecem as ofensas

diz a investigadora, castigar, por si só, não resolve o problema. "Cinco dias depois da suspensão, volta tudo ao mesmo. É preciso actuar de forma mais alargada e preparar a vítima para se proteger melhor."

### Os remorsos chegam tarde

A fotografia da adolescente norte-americana Hailey Schneider, com um papel onde confessa ter feito *bullying*, tornou-se viral na Internet e lançou a polémica: os pais devem castigar publicamente os filhos *bullies*? Cara, a mãe de Hailey, pensa que sim. Obrigou-a a pôr a imagem no Facebook e a vender o iPod para doar o dinheiro a uma organização de protecção de vítimas de *bullying*. "Sou uma rapariga inteligente, mas tomei más decisões nas redes sociais", lê-se na imagem que foi partilhada mais de 20 mil vezes.

Para a investigadora do ISCTE, a solução passa mais pela prevenção e por envolver os alunos que assistem às agressões. "São eles que podem impedir estes comportamentos violentos. Os adultos não estão lá. Mas estes miúdos, que são a maioria, devem ser encorajados a denunciar o que vêem, de preferência em grupo, para não se arriscarem a tornar-se as vítimas seguintes", explica Susana Carvalhosa.

S.P., de 33 anos, não percebeu que foi *bully* durante a adolescência até Janeiro de 2014, quando viu no telejornal a notícia sobre o suicídio em Adaúfe, Braga, de mais uma vítima do fenómeno juvenil. Durante anos, o engenheiro não se lembrou daquele colega que se vestia de forma diferente e andava sempre sozinho nos intervalos das aulas. "De repente, pensei nele. Na figura dele."

### O pior dos desfechos

Alexandre descobriu que os colegas tinham tirado dinheiro ao pai de um deles e fez queixa. Os outros enviavam-lhe mensagens a dizer: "Vai-te matar." A 6 de Fevereiro de 2009, Sónia, a mãe, encontrou-o no quarto já sem vida.



GETTY IMAGES



RAQUEL WISE





GETTY IMAGES

■ Nas coisas que lhe disse. Nas coisas que lhe fiz. Nas vergonhas que passou por minha culpa. A notícia descrevia como Nelson, de 11 anos, tinha sido intimado a despir-se no recreio da escola. Mas quase não falava dos que estavam do outro lado. Os *bullies*. Os miúdos como eu."

S.P. sempre fez parte do grupo de rapazes populares do liceu. Teve dezenas de namoradas, gostava de desfilar a roupa de marca, tinha mota e jogava futebol. Hoje, tem um emprego estável e um bebé de ano e meio. Acha que não é uma pessoa má. "Sou normal. Às vezes falo mal dos outros, sim. Às vezes gozo com coisas sérias. Mas nunca desejei a morte a ninguém."

Estava no 11º ano quando lhe disseram que aquele colega tinha tentado suicidar-se. "O que se dizia era que tinha tomado uma data de comprimidos e que a mãe o tinha encontrado deitado na casa de banho, a espumar da boca e a revirar os olhos." Na altura, S.P. não se sentiu responsável. Teve pena, mas não lhe passou pela cabeça

▲ Muitos alvos de *bullying* isolam-se e resistem a ir à escola. Podem ficar doentes de forma sucessiva e até voltar a fazer chichi na cama

## Frequência



Em média, o *bullying* é praticado ou sofrido mais do que uma vez por semana

Fonte Prevenção da Violência e do Bullying em contacto escolar, Susana Carvalhosa, 2010

## Quem é quem?

Saiba quais são as diferentes personagens que se envolvem no *bullying*

**Vítimas** O alvo da violência é, por norma, um miúdo inseguro, introvertido, **com dificuldade em fazer amigos**. Costumam ter pais super-protectores, ou que impõem muitas proibições.

**Agressores** Actuam em grupo, ao longo do tempo, para dominar a vítima. Parecem confiantes, mas **não têm muitos amigos**. Podem envolver-se em comportamentos de risco.

**Vítimas-agressoras** Reagem à violência agredindo outros. São uma minoria e têm, habitualmente, uma **relação de pouco afecto com os pais**. Tendem a portar-se mal na escola.

**Testemunhas** Não agridem e têm autoconfiança suficiente para não se tornarem vítimas, mas sabem o que se passa. Estão em maioria e **podem ajudar a prevenir** e denunciar.

**ALEXANDRE QUERIA SER POPULAR. NÃO SUPORTOU OS ATAQUES DE QUATRO COLEGAS. SUICIDOU-SE**

que pudesse ter alguma culpa. Ainda não se falava de *bullying*, os professores não se metiam nas brincadeiras dos intervalos.

Nunca mais viu o rapaz depois desse episódio. Os pais tiraram-no do liceu. "Agora, procurei pelo nome dele no Facebook: nenhuma correspondência. Pensei logo: 'Mas quem é que hoje em dia não tem Facebook? Deve continuar a ser o mesmo totó.' Depois senti, pela primeira vez, um peso na consciência. E se ele fez alguma estupidez?", perguntou-se, antes de lembrar algumas das "partidas" que lhe fez quando tinha 16 e 17 anos. "No balneário, depois das aulas de Educação Física, gritávamos que era gordo e *gay*, e riámo-nos todos. Uma vez, ele ia a pé e eu de mota, com um amigo à pendura. Dissemos-lhe coisas horríveis e no fim, eu mandei o meu amigo empurrá-lo."

Os rapazes que durante meses ameaçaram maltratar Alexandre também nunca foram castigados e a mãe do adolescente de 14 anos que se suicidou há cinco anos está convencida que não aprenderam nada com a morte do filho. "Mantive contacto com uma amiga dele, que me diz que o mentor do grupo continuou sempre a massacrar colegas mais frágeis ao nível psicológico", diz Sónia Louro, de 44 anos, à SÁBADO.

## Era extrovertido e tornou-se triste

Alexandre não tinha o perfil típico das vítimas de *bullying*: era extrovertido e bom aluno, praticava desporto, fazia sucesso entre as miúdas. Mas um episódio fez com que começasse a ser banido do grupo de amigos da escola: "Um dia foi a casa de um colega e percebeu que os presentes estavam a combinar tirar dinheiro do cofre do pai de um deles. O Alexandre não concordou e fez queixa: a mim e na escola. Começaram aí os problemas todos", recorda a mãe.

Alexandre transformou-se num rapaz mais triste: queria dar-se bem com toda a gente. Começou a isolar-se. Ficava ansioso antes de ir para as aulas. Deixou de ser convidado para as festas dos amigos, que lhe mandavam SMS com palavras tão cruéis e violentas como: "Vai-te matar." Na madrugada do dia 6 de Fevereiro, a mãe encontrou-o no quarto, já sem vida.

A direcção das Oficinas de São José, dos Salesianos de Lisboa, recusou qualquer responsabilidade. Insinuou que problemas familiares estavam na origem da tragédia – a separação dos pais, a relação distante com o pai, a mãe demasiado exigente. Também afirmou que não podia actuar quando os episódios de violência ocorriam fora do perímetro da escola e ignorou as provas que a mãe apresentou: as mensagens no telemóvel e o testemunho do psicólogo que o acompanhou.

Ainda assim, os Salesianos (que a SÁBADO contactou sem resposta) fizeram questão de pagar o funeral de Alexandre – 7 mil euros. A mãe tomou muitos calmantes nesse dia. Tomou calmantes durante vários dias seguidos – não conseguia nem queria pensar no que acontecera. Cinco anos depois, ninguém lhe tira da cabeça que esta atitude da escola foi um género de confissão. Afinal, também eles eram responsáveis pela morte do rapaz que só queria ser amigo de todos. ■





## A casa que salva vítimas de violência doméstica

13 Setembro 2014 / 536 partilhas



Sónia Simões

Há 37 casas no País a receber mulheres que escaparam à violência dos seus companheiros. Antes bastavam seis meses para conseguirem uma nova vida. Com a crise, chegam a ficar dois anos.

Está nervosa. As palavras saem-lhe aos bochechos. Quando lhe perguntam pelo marido, piora. Baixa os olhos redondos e procura o chão. Recordações que ainda magoam, mesmo dois anos depois de arrancar os dois filhos de casa e pedir ajuda. Prepara-se, agora, para deixar a casa de abrigo onde aprendeu a viver uma vida nova. Será autónoma, dizem as técnicas. Ela acredita nisso. E tenta esquecer promessas de outrora. Aquelas que saíram da boca do homem que a convenceu a vir da Guiné para Portugal. A voz que lhe prometia que ela iria tirar um curso superior, trabalhar e ser feliz. Promessas caídas na primeira vez que ele lhe deitou a mão. E da segunda, quando disse que não repetia. E que falhou.

O casamento fora arranjado pela família. A tradição assim o impunha. A mãe, que dividia na Guiné o marido com duas outras mulheres, conhecia o homem. Disse-lhe que era um bom partido. Ania (nome fictício) aceitou. Trabalhava na altura como secretária na Secretaria de Estado da Juventude e do Desporto. Prometeram-lhe que, em Portugal, poderia estudar secretariado na Universidade. E ir mais longe.



"Ania", 29 anos, está há dois anos numa casa de abrigo

Mal casou, engravidou. Foi há sete anos. O marido já estava em Portugal, mas esteve presente no nascimento do rebento. “A minha filha nasceu no Senegal. Ele foi lá e voltou. Eu ainda fui à Guiné tratar dos papéis para me juntar a ele. Tratei logo dos certificados de habilitações para depois estudar cá”, disse.

Foi viver para o seio de uma comunidade muçulmana. Famílias como a dela, que não tinham nascido em Portugal e que viviam num bairro dos arredores de uma grande cidade portuguesa. Aos 22 anos o marido anunciou-lhe que teria de esperar mais um ano para entrar na Universidade Lusófona. “Disse-me que só podia ir quando tivesse mais de 23 anos”. Ela aceitou. E engravidou outra vez. Ele acabou por dizer-lhe que o curso superior nunca passaria de um sonho. O seu lugar era em casa, a educar os filhos.

Ania não sabia o que era “violência doméstica”. Sabia que não podia continuar a viver numa casa onde sentia medo. E que tinha de pedir ajuda para sair.

Tinha já dois filhos quando as agressões começaram. Na primeira vez que ele lhe bateu ela correu para o centro de saúde. Na parede um cartaz falava de “violência doméstica”. “Não sabia o que era”, admite. Uma psicóloga recomendada pela enfermeira que a acompanhou deu-lhe umas luzes do que seria. Disse que havia associações e locais de acolhimento onde podia ficar com os filhos, até conseguirem ter uma vida autónoma. Ela não quis mais voltar para casa.

Conseguiram-lhe um quarto numa pensão. Ania avisou a família mais próxima que saíra de casa. E que era ali que tentaria atravessar a ponte para uma vida nova. Eles não aceitaram a decisão. Foram ter com ela e obrigaram-na “a voltar para o casamento”. Promessas. Ele disse que não voltaria a tocar-lhe. Que a faria feliz. Até aos primeiros gritos. Insultos que a faziam tremer e lhe provocavam medo. “Sempre que ele chegava a casa, eu pegava no meu filho ou na minha filha ao colo para ele não me bater”. Não tinha força para lhe fazer frente. E não queria.



Ania saiu de casa quando o filho tinha apenas um ano



Certa noite ele bateu na filha. A menina que ela queria pôr na escola e que ele não deixou. “Na comunidade islâmica adia-se a entrada das crianças na escola. Como as mulheres estão em casa devem tratar dos filhos”. Ela ainda pensou em ligar para o número de telefone da Associação de Apoio à Vítima (APAV), aquele que tinha visto no cartaz do centro de saúde. Mas tinha medo que ele descobrisse. Que ele vasculhasse os registos do telefone. “Esperei que ele saísse e fui à polícia. Pedi ajuda”, conta.

"Esperei que ele saísse e fui à polícia. Pedi ajuda", conta.

Ania, vítima de violência doméstica

Passou o dia na esquadra da PSP à espera de um caminho. A Cruz Vermelha encontrou-lhe uma pensão. Desta vez ela manteve-se em segredo. Não partilhou com a família. A APAV acabaria por encontrar-lhe um lugar numa casa de abrigo. Para ela e para as duas crianças. Foi há dois anos.

#### **A vivenda discreta**

A vivenda de 500 metros quadrados tem oito quartos e é discreta. Fica entre várias casas de habitação. A morada não aparece em páginas oficiais. Mas, mesmo assim, já houve quem a descobrisse. Três vezes, pelo menos. “Já me apareceram aqui homens à procura das suas mulheres. Só posso concluir que houve fuga de informação e que terão sido elas a dizer onde estavam”, diz ao Observador a diretora técnica da Casa de Abrigo, Cátia Rodrigues.



A maior parte das vítimas é acolhidas com os filhos

© Hugo Amaral/Observador

Muitas das mulheres desconhecem que são vítimas. Vivem em contextos familiares específicos. “Precariedade, violência, álcool, desemprego”. Muitas vezes desconhecem os limites. Acabam, mesmo, por desculpar a violência pelo facto de o



marido estar alcoolizado ou perturbado pela falta de emprego, explica Cátia Rodrigues, psicóloga de formação. “Um dos pressupostos para o acolhimento na casa de abrigo é a ameaça de vida. Às vezes andamos no limbo. O facto de muitas mulheres chegarem aqui e não estarem motivadas para a mudança, não quer dizer que não tenham sido vítimas”, explica.

O coordenador e supervisor da rede nacional de Casas de Abrigo da APAV diz ao Observador que a maior parte das mulheres que passam por estas casas desconhecem que são vítimas. Na tese de mestrado sob o tema, “A experiência de residir numa casa de abrigo para mulheres vítimas de violência conjugal”, Daniel Cotrim concluiu o que já outros estudos internacionais tinham concluído. “Havia a ideia de que as mulheres iam para uma casa de abrigo e que já sabiam o que era. Mas não. Só depois percebem as expressões da violência doméstica!”

Por esta casa, que abriu portas há oito anos, já passaram cerca de 200 mulheres. Foi em 2012 que recebeu mais vítimas. 60 no total. A média caiu para metade nos anos seguintes. E Cátia Rodrigues encontra explicação para isso. “Normalmente o tempo de estadia é de seis meses, até as mulheres conseguirem ser autónomas. Mas com a crise e com a dificuldade em encontrar emprego, a estadia tem-se prolongado por cerca de dois anos”. Uma situação que se tem sentido noutras casas de abrigo. E que impede que existam vagas para a entrada de outras vítimas de violência doméstica.



“Em 2013 e 2014 só fiz dois acolhimentos, porque só existiram duas autonomizações”, diz a psicóloga Cátia Rodrigues. O Governo já [anunciou](#) que as vítimas de violência doméstica vão passar a ter aulas nas casas de abrigo. O projeto piloto vai avançar, para já, em 16 casas distribuídas por nove distritos. A ideia é que as vítimas possam prosseguir os estudos, aprendam a fazer um currículo ou a mexer no computador.

Ao Observador, a secretária de estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade, Teresa Morais, reconhece a situação. Embora não a considere uma novidade. “A permanência de mulheres vítimas de violência doméstica em Casas de Abrigo por um período superior a seis meses não é nova. Esses casos sempre existiram, quer por razões de segurança das vítimas, quer por razões relacionadas com as diversas dificuldades que podem surgir no seu processo de autonomização. Naturalmente, que para aqueles casos em que a permanência não se justifica pela existência de um risco para a vítima, mas por razões de natureza social, é preciso que haja condições para apoiar o seu processo de saída”.

As casas de abrigo foram regulamentadas há 14 anos. E os regulamentos têm de obedecer a uma lei publicada em 2006. Daniel Cotrim defende que este sistema devia ser alterado, até porque algumas das regras impostas se assemelham “às de um lar de terceira idade ou de um centro de acolhimento”. “Estas mulheres foram vítimas de um crime, não estão doentes sequer”, lembra.



Daniel Cotrim fez uma tese de mestrado sobre mulheres acolhidas em casas de abrigo

No estudo, em que falou com seis mulheres acolhidas numa casa de abrigo, percebeu que muitas das vítimas se sentem “presas”. “A questão dos regulamentos, dos controlos, da falta de privacidade estão a replicar a vida que a vítima tinha com o agressor”, defende. E dá o exemplo de algumas experiências que têm sido feitas nos Estados Unidos, de casas de abrigo que não têm regulamentos e que não são secretas. “Quando existem regulamentos, eles são feitos pelas próprias mulheres acolhidas. Elas têm uma participação”, explica. “Está-se a perceber que o facto de a casa não ser mantida no secretismo dá um sentimento de maior liberdade à mulher. E, por outro lado, a comunidade onde estão inseridas está atenta ao fenómeno da violência doméstica. Por outro, intervém na segurança destas mulheres”. “É altura para repensarmos estas medidas de intervenção”, afirma.



## "É altura para repensarmos estas medidas de intervenção"

Daniel Cotrim, assessor técnico na APAV

A sua tese mestrado, segundo afirma, é o primeiro estudo do género feito em Portugal. "Curiosamente foi baseado num estudo israelita feito em casas de abrigo que acolhem vítimas de violência doméstica israelitas e palestinianas", diz. Realidades diferentes, mas conclusões idênticas. O facto de estas mulheres se sentirem presas, e de, por vezes, mostrarem uma certa passividade perante o futuro, de desconhecem o fenómeno da violência doméstica e de não se unirem muito intimamente com as outras vítimas, com quem vivem, é uma realidade idêntica "à detetada noutros países".

Outro dos problemas que, segundo o especialista, deve ser repensado é o das mulheres com mais de 65 anos que são acolhidas nestas casas. "Muitas não têm pensões nem direito ao rendimento social mínimo. Mas têm o direito de abandonar a casa onde sofreram maus tratos", sublinha. "Como não conseguem entrar num processo de autonomização, porque já não trabalham, que fazemos?", interroga – afastando a hipótese de um lar de idosos, até porque elas não aceitam. "Há medidas a serem tomadas a vários níveis."

### 90% das mulheres voltam para os maridos

Cátia trabalha de perto com duas outras mulheres. Outra Cátia, Cátia Fernandes, e Teresa Silva, ambas assistentes sociais. As três reúnem já um punhado de histórias de mulheres que por ali passaram. Muitas conseguiram autonomizar-se. Mas a autonomização de grande parte passou pelo regresso à casa onde sofreram maus tratos, junto dos maridos. "Mais de 90% voltam para casa dos maridos", afirma. Embora só tenham tido conhecimento oficial de uma, com quem continuam a comunicar. "Ela telefona-nos por vezes. E nós acompanhamos o caso. Tornou-se uma mulher mais forte e sempre que passa uma reportagem sobre violência doméstica, por exemplo, ela mostra ao marido. Para ele perceber o que fez e o que não pode fazer".



Cátia Rodrigues, Teresa Silva e Cátia Fernandes compõem a equipa técnica

Quando recordam as histórias que por ali passaram, não esquecem a das “Manas Medo” como as apelidaram. “Por vezes há casos tão duros que temos de recorrer ao humor negro para não nos deixarmos envolver”, ressalva Cátia Rodrigues. Uma destas duas irmãs assistiu ao homicídio da mãe às mãos do seu companheiro. Ela estava no local de trabalho e ele esfaqueou-a até à morte. A rapariga foi viver para casa da irmã mais velha e percebeu que também ela era vítima de violência doméstica. “Entrou em pânico temendo igual destino para a irmã.” As duas acabaram por ser acolhidas numa casa de abrigo.

“Foi uma situação muito complexa, porque elas sentiam muita culpa por tudo”.

Cátia Rodrigues, diretora técnica de uma casa de abrigo

“Foi uma situação muito complexa, porque elas sentiam muita culpa por tudo”, explica a psicóloga. Uma sentia culpa porque viu a mãe morrer, a outra sentia culpa porque a mãe tinha tido a opção de emigrar e escapar ao companheiro, mas não o fez para estar perto dela.

Cátia Rodrigues diz que a passagem de uma mulher por esta casa funciona quase como o crescimento de um bebé até à fase adulta. “Chegam aqui bebés e temos que fazer com que se tornem adolescentes e depois adultas. Nem sempre conseguimos chegar à fase adulta”. É que, explica, “é necessária disponibilidade emocional para evoluir”. E nem sempre é assim.

### **Regulação do poder paternal: encontro na esquadra da PSP**

Ania entrou na casa de abrigo com os filhos, uma menina que agora tem sete anos e um filho de três. Apesar de estas vítimas encetarem, por vezes, processos contra os seus agressores, não os podem impedir de ver os filhos. “Há pais que ameaçam suicidar-se se não virem os filhos ou se não lhes disserem onde estão”, diz a responsável pela casa de abrigo. Cada caso é um caso e é avaliado. A equipa técnica traça um plano de segurança e, grande parte das vezes, o ponto de encontro da entrega das crianças é numa esquadra da PSP ou num posto da GNR. Há ainda casos em que, mesmo assim, eles esperam por um momento a sós com as vítimas. “Temos que ter sempre cuidado e nunca deixar que elas sejam perseguidas ou que sejam sujeitas a alguma situação que as coloque em risco”.





Cátia Rodrigues acompanha as vítimas desde que entram até que se autonomizam

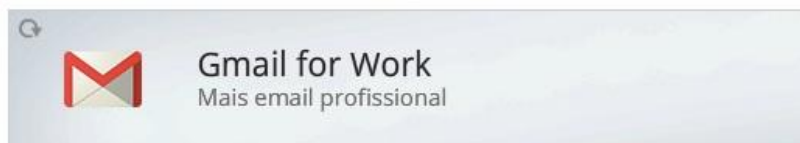
© Hugo Amaral/Observador

O risco. Ania está disposta a corrê-lo agora que vai sair da casa de abrigo. Um protocolo entre a APAV e uma Câmara Municipal (o anonimato de Ania leva à omissão) permitiu que as técnicas lhe encontrassem uma casa, para onde se mudará em breve com os dois filhos. “Ainda não pensámos como vai ser a entrega das crianças ao pai, mas não vamos deixá-la”, garante Cátia perante o olhar amedrontado de Ania. Para a autonomização destas mulheres o Estado financia as casas de abrigo com um valor destinado a equipar as casas das vítimas.

“Além do problema da violência, há outras questões que temos de resolver. Há que inculcar alguns hábitos, como por exemplo ao nível da gestão das contas”, diz Cátia. Neste momento Ania está desempregada, mas o dinheiro que ganhou a trabalhar nos últimos dois anos foi poupado, o que lhe permite um fundo de maneio. “Aqui elas não gastam nada”, ressalva Cátia.

Ania afirma estar preparada para a sua nova vida. Mesmo que tenha dúvidas quanto aos laços que vai estabelecer. As amigas que tinha eram as vizinhas. E os maridos não gostam que elas se vejam porque Ania “abandonou” o casamento. Ania não quer regressar à vida que tinha.

ANGOLA	BRASIL	CABO VERDE	GUINÉ-BISSAU	MOÇAMBIQUE	TIMOR-LESTE
--------	--------	------------	--------------	------------	-------------



## AVON APOIA LUTA DA APAV CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

SET 30 LISBOA, PORTUGAL LISBOA BY GERSON INGRÉS

CP - COMBOIOS DE PORTUGAL  
PORTUGAL RAIL PASS

UNLIMITED TRAVEL FOR 3 OR 7 DAYS  
VIAGENS ILIMITADAS DURANTE  
3 OU 7 DIAS  
More info. Saiba mais aqui.

LISBOA – O apoio da AVON a causas próximas do bem-estar das mulheres sempre fez parte da estrutura da marca, que desde 2009 apoia a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) através da venda de produtos cujas receitas revertem a 100% para esta causa. Este ano, a Campanha Global da AVON contra a Violência Doméstica angariou 9.000 euros, através da venda da Pulseira Empowerment, que teve como embaixadora a conhecida modelo internacional, Irina Shayk.

A entrega do donativo foi feita por Marco Midali, General Manager Ibérico da AVON e por Susana Pereira, Country Sales Leader da AVON Portugal à Dr.ª Carmen Rasquete, Secretária-Geral da APAV.

Entre 2009 e 2013, a AVON conseguiu angariar até à data 73.627€ para a APAV. Esta Campanha Global Contra a Violência Doméstica é levada a cabo pela AVON em todos os países onde se encontra e passa também pelo apoio a programas de consciencialização e educação.